

ISTO É

Edição 20 - 23/1/26

*Protesto na Dinamarca contras
as pressões de Trump*

RUPTURA GLOBAL

A ameaça de incorporação da Groenlândia por Donald Trump escancara a quebra do antigo equilíbrio entre as potências mundiais e abre caminho para a busca de uma nova ordem internacional

Capa

Página
15

TOM LITTLE/REUTERS

População foi às ruas de Groenlândia e Dinamarca protestar contra Trump

Índice

CAPA: FOTO DE EMIL NICOLAI HELMS/AFP

3 ENTREVISTA

6 BRASIL

12 ECONOMIA

15 INTERNACIONAL

24 SAÚDE

25 CIÊNCIA

28 ESTILO DE VIDA

30 ENTRETENIMENTO

38 MEMÓRIA

40 O MELHOR DAS REDES

41 PALAVRA POR PALAVRA



DIVULGAÇÃO

"Carro-voador" deve chegar a SP em 2027



DIVULGAÇÃO

Espécie rara, tuco-tuco-das-dunas é visto no RS



VICTOR JUCA

"O Agente Secreto" obtém 4 indicações no Oscar

Expediente

ISTOÉ
publicações

ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA.

CEO E DIRETOR EDITORIAL
Daniel Hessel Teich

ISTOÉ

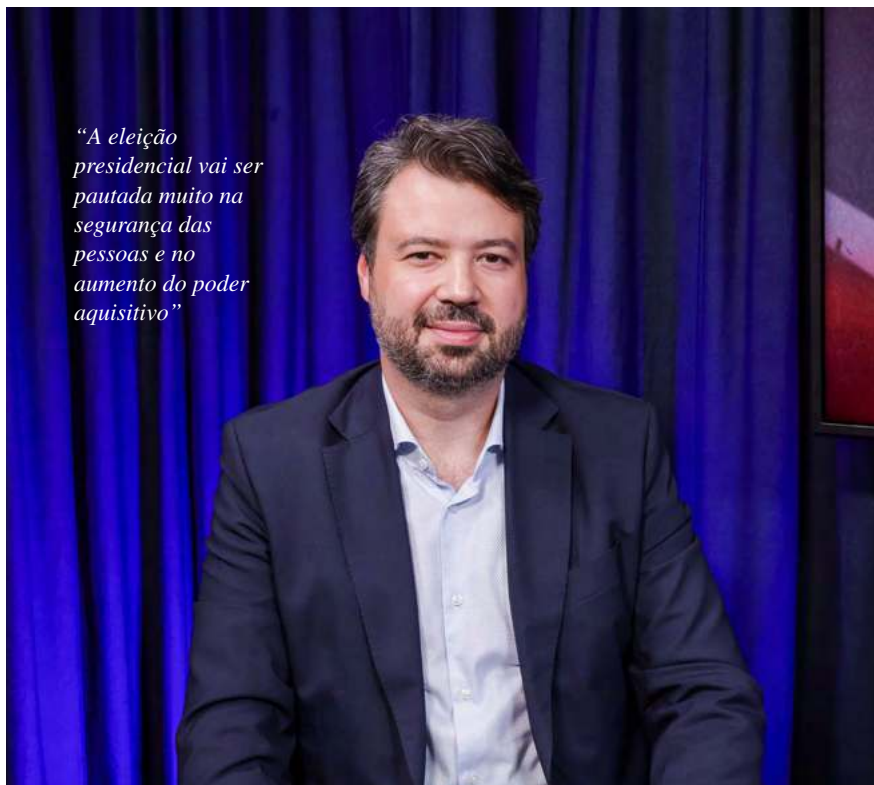
EDITORA EXECUTIVA
Lena CastellónDIRETOR DE ARTE
Alexandre AkermannDESIGNER
Mayara Novais

www.istoe.com.br

Instagram
@revistaistoeYouTube
m.youtube.com/@revistaISTOEX
@revistaISTOETikTok
@revistaistoeLinkedIn
https://linkedin.com/company/istoe/Redação e correspondência
Rua Iguatemi, 192, 19º andar, Itaim Bibi,
São Paulo, SP, CEP 01451-010

ISTOÉ - A SEMANA é uma publicação semanal de ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA., empresa detentora das marcas ISTOÉ e coligadas, tanto em plataformas digitais como meios impressos. A empresa não tem qualquer vinculação editorial e societária com a EDITORA TRÊS COMÉRCIO DE PUBLICAÇÕES LTDA. (em liquidação judicial)

“A eleição presidencial vai ser pautada muito na segurança das pessoas e no aumento do poder aquisitivo”



Efeito econômico nas urnas

Estrategista político vitorioso em campanhas de Norte a Sul do país, Marcelo Vitorino afirma que, para a eleição presidencial deste ano, a economia deve influenciar mais do que a polarização

Especialista em marketing político, Marcelo Vitorino comandou as estratégias das eleições de Gilberto Kassab para a prefeitura de São Paulo (2008), Raimundo Colombo no governo de Santa Catarina (2010), Camilo Santana no Ceará (2014), Marcelo Crivella no Rio de Janeiro (2016) e David Almeida em Manaus (2024), entre outras. No período de transição das

milionárias propagandas de TV para o mundo das redes sociais, ele foi pioneiro na produção de comunicação política voltada para o meio digital. Desenvolveu e criou a plataforma online “Guia do marketing político” e é professor na ESPM. Nesta entrevista, ele analisa o impacto da polarização, da economia e da IA nas eleições deste ano.

Leonardo Rodrigues

Como exatamente é o seu trabalho?

Ele mudou ao longo do tempo. Quando migrei para o marketing político, em 2008, na campanha do Gilberto Kassab, eu era membro da equipe. Meu trabalho era começar uma comunicação digital para uma campanha eleitoral. Aquele ano foi o início das campanhas digitais no Brasil. Houve a era dos grandes marqueteiros que acabou principalmente depois da Lava-Jato. O investimento caiu muito em campanhas. Em 2010, eu estava na campanha presidencial do José Serra, ainda no digital. Por volta de 2016, assumi campanhas inteiras. Os marqueteiros mais experientes começaram a se aposentar, como João Santana e Duda Mendonça (já falecido). E isso deu espaço para os mais jovens. Da minha geração sou talvez o mais digital. Hoje, o que preciso fazer? Primeiro, tenho de entender qual é o contexto daquela disputa eleitoral. Não existe planejamento sem entendimento de contexto. Aí, você precisa entrevistar muito bem o seu candidato para descobrir o que ele tem para ser ofertado. Você precisa escutar as pessoas por meio de pesquisas qualitativas. Elas dão a ideia do sentimento das pessoas. Então, você entende o momento, o candidato e as pessoas. A partir daí, o meu trabalho é desenvolver uma estratégia que conecte [as pessoas] exatamente com o que o candidato tem a oferecer. De forma que as pessoas entendam isso no momento que estão vivendo. A campanha eleitoral não é uma disputa por votos num primeiro momento. É uma disputa por atenção. Esse talvez seja o principal problema. Tem gente que resolve chamar atenção de forma abrupta. Aconteceu em São Paulo com o Pablo Marçal. Ele chamou atenção de modo abrupto, mas isso também leva a uma rejeição. Numa [eleição] majoritária, será que a estratégia de chamar atenção é tão boa assim? Se fosse para deputado, provavelmente seria muito bem votado. Não existe uma estratégia para todo mundo. Vai depender muito do contexto e do tipo de eleição. Meu papel é fazer a conexão entre um projeto político e o eleitor. É fazer com que o eleitor perceba o que aquele projeto tem a oferecer para ele, o que vai melhorar na vida dele. Não é tão simples assim. Ainda mais com

uma população em que boa parte é desinteressada pela política e outra está com a cara no celular, dispersa.

O senhor desenvolveu um trabalho mais voltado às redes dentro de um contexto chamado de polarização afetiva, em que a ligação dos eleitores com Lula e Bolsonaro é muito mais emocional e transborda da política. Como é possível levar candidatos que não engajam essa polarização à vitória nas urnas?

Vai depender do tipo do pleito. Se vamos fazer uma campanha para deputado federal, não pode ser alguém que polariza. Pode ser alguém que defende uma região. Para se eleger deputado federal, você precisa de 1% a 2% do eleitorado. Quando é uma eleição majoritária, você precisa de 50% mais um. É outra campanha. Vai pesar muito a distância que a campanha tem do eleitor. Em uma campanha para prefeito, a distância é curtíssima. O prefeito é muito próximo do eleitor. Então, quando você trata de assuntos de forma pragmática e sai da polarização. Para governador, já é um pouco mais distante: você quase nunca vê um governador. Quando [a eleição] é para presidente, você traz mais a questão ideológica, porque a pessoa não imagina o que é um presidente. Ou seja, na eleição para o município, o pragmatismo é muito mais forte do que a ideologia. Quando você vai para uma eleição presidencial é mais complicado porque o pragmatismo não tem o dia a dia. Em 2018, Bolsonaro se elegeu falando que iria fazer uma coisa só: acabar com o PT. Em 2022, Lula se elegeu falando que ia devolver a picanha. Se você for ver, o texto de fundo é econômico nos dois casos - e sempre vai ser. Em eleição presidencial, sempre vai ser economia. “Ah, mas e a segurança pública?” A segurança vai ser convertida em economia. Eu participei de uma eleição em Cuiabá em que a chance do meu candidato (Emanuel Pinheiro) era baixíssima. Tinha um vídeo comprometedor dele numa situação muito ruim. A gente fez o óbvio: falamos do problema e ele venceu a eleição por 1%. No Rio de Janeiro, [tem o caso Marcelo] Crivella versus [Marcelo] Freixo. As pessoas acham que o Rio de Janeiro é progressista, mas não é. A maior parte



da cidade é conservadora. A comunicação do Crivella tinha de fazer uma abertura de eixos e de temas e um trabalho de inclusão. Porque assim você retinha o voto do conservador e avançava um pouco no voto “que não tem rótulo”. Ele venceu por voto de centro.

A eleição do Crivella mobilizou, na época, uma discussão forte sobre o papel das igrejas evangélicas. Hoje, os evangélicos são mais de um quarto da população. Muitos analistas políticos falam da necessidade de conquistar esse público. Tenho ouvido de pesquisadores e pastores que muitas campanhas falham porque têm um discurso pronto para esse eleitorado, sendo que no segmento há pessoas de várias personalidades e origens. Acredita nisso?

O eleitor evangélico não é um só. Uma parte do eleitorado evangélico vota de acordo com a orientação dos seus líderes. E tem outra parte que não. Conectar-se com esse eleitor só é possível se for genuíno. O maior problema está em querer mascarar uma conexão. Se você tem um candidato que, de fato, é temente e comunga dos valores que os evangélicos têm, faz sentido uma aproximação. Se o candidato não tem nada a ver com o jeito de pensar evangélico e se ele tentar fazer um discurso para esse público, isso não vai dar certo. Pega uma pessoa como o [Guilherme] Boulos ou o Lula. Qual é a proximida-

de ideológica que ele tem com o evangélico? É pequena. E olha que o Lula é conservador. O Lula é muito mais conservador do que progressista. Você vê pelas falas às vezes a respeito dos negros, das mulheres, das minorias. “Isso aqui não é fala de um progressista; é de um conservador.” É quase Bolsonaro. Eles vão ficar chateados porque estou falando isso, mas é verdade. Então, como é que você faz uma aproximação? Não faz. No marketing político, você tem de pegar o que é bom e conectá-lo com as pessoas que têm interesse naquilo. O erro não é ter um discurso pronto. O erro é não ter a essência que sustenta o discurso. E isso não é o marketing que resolve.

Com Lula candidato à reeleição e Bolsonaro fora das urnas, o senhor acredita que a eleição ainda será marcada pela polarização ou este é um momento de esgotamento?

Acho que vai ser uma eleição bem marcada na economia. O que aconteceu nos últimos anos? Vou fazer um resgate muito breve. Tivemos o presidente Collor em que as coisas não caminharam bem porque tivemos o confisco da poupança. E o primeiro presidente eleito depois do período militar sofreu um impeachment. Aí, vem o plano real e a gente elege Fernando Henrique [Cardoso]. Depois dele vem o Lula, que pega um momento econômico fabuloso e faz dois governos com uma economia bombando. Depois, vem

a Dilma [Rousseff], que pega a queda do momento econômico, gera dois PIBs negativos e vem o movimento de 2013, de insatisfação. Vem o impeachment [de Dilma] e assume o [vice-presidente] Michel Temer. No ano de 2018 a população estava cansada da política. Você tinha Lava Jato, Sérgio Moro era herói, o Lula estava preso. Ou seja, você tinha todo um elemento de ruptura com a política tradicional. Isso traz um monte de nomes novos. Aquele não é nem o momento em que o bolsonarismo se revelou. Era um momento em que as pessoas estavam cansadas da política. Isso mudou já. Depois da pandemia, o processo já voltou ao tradicional, que é a política pela política. Então, esta eleição presidencial – ouso fazer uma previsão – vai ser pautada muito na segurança das pessoas e no aumento do poder aquisitivo. Pode ser que aconteça uma pulverização de candidatos de direita e uma unificação da candidatura de esquerda, o contrário de 2018. Em 2018, tivemos Bolsonaro e Cabo Daciolo, que, com todo respeito, não tinha chance. Todo o resto era centro-esquerda. Fora o [João] Amoêdo que era liberal. O que pode acontecer? Bolsonaro isolado; esquerda e centro-esquerda e todo o resto da direita e centro-direita. Diante desse cenário, existe uma chance até, numa pulverização extrema, de o Lula ganhar no primeiro turno. Porque se os outros candidatos não têm aderência, não despertam paixão... O Caiado não está despertando paixão. Zema, Ratinho Júnior, Flávio Bolsonaro. Assim, a tendência é uma recolocação do Lula presidente.

Antes, havia uma espécie de código para ganhar a eleição. Você tinha campanha robusta na TV, os discursos eram de certa forma consenso. A campanha de 2018 é a que muda o jogo? A que coloca as redes sociais em um patamar mais alto de importância?

Acho que sim, mas é preciso explorar um pouco o fenômeno. Tem uma mudança importante na legislação entre 2016 e 2018. Em 2008 começou a usar o digital, mas não se podia usar rede social aberta. Na época, a rede era o Orkut. Na campanha do Kassab foi criada uma rede social pró-



LEONARDO MONTEIRO/ISTOÉ

pria. Em 2010, permitiram usar rede social: Twitter, Facebook. Em 2017, na reforma política, mudam a lei e falam: “Além de usar a rede, vocês podem fazer o impulsionamento de conteúdos”. Aí, começa um peso diferente no digital. Porque você tem a possibilidade de forçar a entrega de um conteúdo, coisa que não acontecia nos outros anos. As redes sociais eram puramente orgânicas. Em 2018, não. Então, a mudança não tem só a ver com o ruído que foi aquela eleição. Tem a ver com a possibilidade de se fazer o impulsionamento. Isso é muita coisa. Em 2018, acontece também um fenômeno, que já foi corrigido, que é o uso indiscriminado do WhatsApp. Você tinha a possibilidade de disparo em massa, de compartilhamento, que hoje não tem mais. Naquele momento, o TSE não deu muita bola. Depois, viu o estrago. A Meta dificultou muito o uso do WhatsApp em campanhas. Agora mesmo: a lista de transmissão vai ser cobrada e isso vai inviabilizar para muitas candidaturas o uso do WhatsApp. E, sinceramente, com a Inteligência Artificial, as pessoas não vão ter mais certeza nenhuma dos fatos. Então, acho que vão voltar a ter peso papel, rua, gente. Vai ser necessário voltar a fazermos campanhas com um pouco mais de calor humano do que só rede social.

Um professor do Insper, Pedro Burgos, fez uma análise de que a

desinformação mais amadora, distribuída no WhatsApp, pegava mais os eleitores. Eles confiavam mais naquilo do que em um conteúdo mais trabalhado. O senhor acredita que os deep fakes e a IA vão ter um peso muito grande nas eleições de 2026?

Eu não tenho nem dúvida. O partido que não se preparar com a base de militância vai ter um risco grande de ter de lidar com uma gestão de crise. Antigamente, você via que uma coisa foi muito bem produzida. Hoje, você consegue gerar um material falso e, se quiser, dá a ele um caráter de produção ruim. Por que uma produção ruim? É para parecer que foi uma coisa espontânea. Hoje, um candidato sujo, podemos dizer assim, poderia disparar ligação para a casa das pessoas com a voz do adversário e você não perceberia a diferença. Acho que a democracia brasileira não está tão preparada para isso. O TSE não tem como resolver isso, porque isso não é uma questão. Você impõe a força da legislação para proibir as campanhas de usarem a IA. Isso já está colocado: as campanhas não podem usar inteligência artificial para vídeo. Mas você não tem nada que proíba a guerrilha. Então, de que adianta? Você está inviabilizando o bom uso da IA, que faria as campanhas ficarem muito mais baratas, e não está lutando contra o mau uso. Eu não estou vendo muito sentido nisso. **E**

Brasil

ines249

Palácio do Planalto
Planalto Palace

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

*Indefinições
em São Paulo:
Tarcísio vai
concorrer
ou não?*

Mapa de forças

Não é só a disputa pelo Palácio do Planalto que será intensa neste ano. As corridas por votos nos Estados desafiam candidatos a candidatos ao governo e ao Senado

Carlos Eduardo Vasconcellos e Luma Venâncio

Edição 20

6

*Haddad no governo
ou no Senado?*

MARCELO CAMARGO/
AGÊNCIA BRASIL

ISTOE

ANTÔNIO CRUZI/AGÊNCIA BRASIL

PEDRO FRANÇA/AGÊNCIA SENADO

LUÍS FREITAS/GOVERNO DE SP

CANAL GOV

Em 2026, a eleição presidencial dividirá espaço com disputas estaduais decisivas para o desenho do próximo ciclo político. A escolha de governadores e senadores ganha peso por influenciar diretamente a formação de palanques, alianças regionais e correlação de forças no Congresso, especialmente em um Senado que terá dois terços das cadeiras renovadas.

O mapa das disputas pelos governos estaduais é heterogêneo. No cinturão do Sudeste (São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro), a direita tenta capitalizar o controle de máquinas estaduais e a falta de consenso no campo governista. Já estados como Bahia e Paraná terão atrito, com redutos históricos passando por testes de resistência. Em Goiás e Pará, lideranças locais buscam ampliar projeção nacional a partir de índices de aprovação. No Nordeste e no Sul, casos como Pernambuco, Ceará e Rio Grande do Sul, indicam disputas abertas, com alianças instáveis e forte polarização.

A batalha mais decisiva, porém, pode ser travada no Senado, onde o domínio da Casa virou prioridade absoluta para a oposição. “Para o bolsonarismo, a eleição do Senado em 2026 tornou-se mais estratégica do que a própria disputa presidencial. O objetivo é consolidar uma ‘cidadela’ conservadora capaz de paralisar um eventual novo governo Lula e confrontar o Judiciário com a ameaça real de impeachments de ministros do STF. Diante desse cenário, a esquerda enfrenta o desafio de conter o avanço dessas lideranças em uma disputa majoritária onde a identificação pessoal do eleitor com nomes de direita é muito forte”, analisa Leandro Consentino, cientista político do Insper.

SP, RJ e MG: o cinturão do Sudeste

No maior colégio eleitoral do país, o governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) conta com uma avaliação positiva que, no momento, o coloca em

posição de vantagem. Caso tente a reeleição em detrimento da presidência, ele encontrará um campo adversário ainda desarticulado e sem um nome de consenso para o enfrentamento.

Diante da corrida mais garantida – e em um estado de grande retumbância nacional –, Tarcísio parece não se deixar seduzir pelo pleito federal. Ainda que assine números consistentes e seja frequentemente citado pelo centrão como nome de coalizão, a confirmação da pré-candidatura de Flávio Bolsonaro (PL-RJ) desgastou a possibilidade de o governador abrir mão de São Paulo. Na balança, Tarcísio é um dos postulantes que “mais tem a perder”, caso decida abandonar a reeleição em nome da disputa pela presidência.

O PT sonha com Fernando Haddad, mas o ministro, que confirmou a intenção de deixar o cargo ainda neste mês, não se empolga com o Palácio dos Bandeirantes. Já Geraldo Alckmin (PSB), outra opção forte, demonstra conforto na vice-presidência e já declarou que um quinto mandato estadual não está em seus planos. A saída de Alckmin da chapa de Lula poderia deixar a vaga da vice-presidência livre para coligação com uma nova legenda, o que desagradaria ao PSB.

No Senado, o quadro é indefinido, mas indica que as duas vagas refletem a polarização nacional. Segundo a Paraná Pesquisas de dezembro, Haddad e Eduardo Bolsonaro (PL) dividem o favoritismo, embora as candidaturas não estejam confirmadas. Guilherme Derrite (Progressistas) e Alexandre Padilha (PT) também surgem como opções fortes e bem avaliadas nas sondagens. Derrite, porém, começa a ser considerado como opção de vice na chapa do pré-candidato à presidência Flávio Bolsonaro – o que afastaria o parlamentar da corrida ao senado.

Considerado o principal swing state (estado eleitoralmente indefinido) brasileiro, Minas Gerais também exhibe um panorama aberto. Com Romeu Zema fora da disputa estadual para tentar a presidência, o senador Cleitinho Azevedo (Republicanos) tem vantagem numérica em pesquisas, seguido por Alexandre Kalil (PDT). Mateus Simões (PSD), atual vice-governador e aposta de Zema, ainda não emplacou.

No Rio, Eduardo Paes lidera projeções com folga, assim como Castro para o Senado



TOMAZ SILVA/AGÊNCIA BRASIL



ROGERIO SANTANA

Para Paulo Vasconcelos, marqueteiro das campanhas vitoriosas de Fuad Noman (PSD), Cláudio Castro (PL) e da candidatura presidencial de Aécio Neves (PSDB) em 2014, “Alexandre Kalil é a maior força que se tem contra Matheus Simões hoje, desde que faça uma campanha profissional. [...] Kalil é uma força da natureza; acho o pior adversário que alguém pode ter em uma campanha, justamente pela sua imprevisibilidade.”

No lado governista, ainda falta um rosto definido, mas as últimas movimentações do senador Rodrigo Pacheco reanimam a possibilidade de um candidato sob a aliança do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Até então, de saída do PSD, Pacheco sinalizava a pretensão de deixar a vida política. No entanto, após conversas com o petista, o senador considera se filiar a um novo partido para concorrer em Minas Gerais. Sondagens incluíram legendas como União Brasil, MDB e PSB.

Já o presidente do PSD, Gilberto Kassab, aposta na candidatura do atual vice-governador mineiro, Mateus Simões, com apoio de Zema. Em outubro de 2025, Simões deixou o Partido Novo para se filiar ao PSD. Esse acordo entre legendas, segundo o próprio governador, garante ao Novo a prerrogativa de indicar o vice da chapa pessedista.

No Senado, a disputa também está congestionada. Segundo pesquisa Real Time Big Data divulgada em janeiro, quatro candidatos aparecem embotados na margem de erro. A prefeita de Contagem, Marília Campos (PT), aparece com 17%, seguida pelo ministro Alexandre Silveira (PSD), que soma 13%. No retrovisor da dupla governista estão o senador Carlos Viana (Podemos) e o secretário de Romeu Zema, Marcelo Aro (PP), ambos com 12%.

No Rio de Janeiro, o Palácio Guanabara virou o quintal de Eduardo Paes (PSD). O prefeito da capital lidera com folga as projeções para o governo e articula uma frente ampla que tenta agradar a Lula sem afugentar o eleitorado conservador do interior.

Se o governo pende ao centro, o Senado fluminense parece reservar pelo menos uma das vagas para a direita: Castro está bem na dianteira nos cenários que excluem Flávio Bolsonaro. O

verdadeiro nó reside na segunda vaga: um congestionamento de nomes que vai de Benedita da Silva (PT) a Anthony Garotinho (Republicanos), passando por Pedro Paulo (PSD) e Carlos Portinho (PL).

Bahia e Paraná: choque de redutos

Na Bahia, o império petista enfrenta sua maior rachadura em duas décadas. A Quaest de dezembro mostra o ex-prefeito ACM Neto (União), herdeiro político de Antônio Carlos Magalhães, liderando com 41% contra 34% do atual governador Jerônimo Rodrigues (PT), indicando que o “voto casado” com a imagem de Lula pode não ser o salvo-conduto de outrora.

“Há um descontentamento da população, isso é muito normal de acontecer com governos que duram muito tempo. Acredito que isso represente um alerta muito grande para que a base governista tente, nesses meses que antecedem o início da campanha, trabalhar com efetivas políticas para melhorias na segurança pública, realizar mais ações de divulgação do que já é feito na Bahia, especialmente na área de saúde, escola-

ridade e transporte, que é um problema num estado tão grande”, analisa Aline Atassio, cientista política e professora da UESC (Universidade Estadual de Santa Cruz), de Ilhéus (BA).

No Senado, a disputa se expande. Os governistas esperam uma “super chapa” para reeleger o líder do governo na casa, Jaques Wagner, e lançar o ministro da Casa Civil, Rui Costa. O movimento desagradou o maior partido do estado, PSD, que possui 115 prefeituras e assina força para redesenhar o equilíbrio político da Bahia. Nesse sentido, Angelo Coronel (PSD) deve tentar a reeleição como senador - candidatura que Jerônimo Rodrigues diz ter intenção de apoiar, na contramão da própria sigla.

No Paraná, a hegemonia da direita blindou o estado contra o avanço governista. Segundo a Real Time Big Data, o governador Ratinho Jr. (PSD) lidera a corrida ao Senado com 31%, consolidando-se como o nome forte do setor caso desista de concorrer ao Planalto. A disputa pela segunda vaga está embotada entre aliados do ex-presidente: Cristina Graeml (14%), Deltan Dallagnol (13%) e Filipe Barros (13%) aparecem em empate técnico. O PT tenta

Na Bahia, o PT quer emplacar dois senadores, Jaques Wagner (à esq.) e Rui Costa



VALTER CAMPANATO/AGÊNCIA BRASIL



MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL



PAULO PINTA/AGÊNCIA BRASIL

No Paraná, há a dúvida sobre o governador Ratinho Jr: tentará a presidência? Gleisi Hoffmann quer furar a bolha conservadora

resistir com Gleisi Hoffmann (10%) e Zeca Dirceu (8%), mas enfrenta a dificuldade de furar a bolha em um dos principais redutos da oposição no país.

Já a corrida pelo governo paranaense encontra entraves mais complexos. O principal nome citado entre levantamentos é o do senador Sérgio Moro (União), mas o diretório do PP do Paraná vetou sua candidatura. O Progressistas e o União Brasil arranjam uma federação eleitoral, porém porta-vozes do PP apontam que Moro não consegue adesão nas fileiras do partido. Contrariando os atritos internos, o Paraná Pesquisas de novembro indicou que o ex-juiz possui uma larga vantagem contra os prováveis adversários - o deputado estadual Requião Filho (PDT) e o secretário das Cidades do Paraná, Guto Silva (PSD).

Goiás e Pará: o espelho de Caiado e a vitrine de Helder

Em Goiás, o cenário para o governo é de continuidade. Com uma aprovação que passa dos 80%, Ronaldo Caiado (União) tenta converter sua popularidade em sucessão. O vice-governador Daniel Vilela (MDB) lidera as intenções de voto, travando um duelo particular com o ex-governador Marconi Perillo (PSDB). Focado no Planalto, Caiado atua como o fiador de uma chapa que busca nacionalizar o discurso da segurança pública.

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM



LULA MARQUES/AGÊNCIA BRASIL

No Senado, a força do governador estende-se à família. A primeira-dama Gracinha Caiado (União) desponta como favorita absoluta, seguida pelo deputado bolsonarista Gustavo Gayer (PL). Desse modo, Goiás caminha para entregar duas cadeiras alinhadas ao campo conservador, consolidando o

Para o Senado por Goiás, a primeira-dama Gracinha Caiado é favorita absoluta, seguida pelo deputado bolsonarista Gustavo Gayer

estado como um dos maiores bunkers anti-PT do país.

No Pará, Helder Barbalho (MDB) colhe os dividendos políticos da COP30 e prepara uma sucessão tranquila: sua vice, Hana Ghassan (MDB), lidera com 26% das intenções, conforme a Real Time Big Data, enfrentando um campo fragmentado entre o Delegado Éder Mauro (PL) e Dr. Daniel Santos (PSB). A força de Helder, contudo, é plena na disputa pelo Senado. O governador lidera com 55% das intenções, segundo o Paraná Pesquisas de dezembro. A indefinição é na segunda vaga, onde há um duelo entre o ex-ministro Celso Sabino (União), com 22%, e o atual senador Zequinha Marinho (Podemos), com 18%.

Alagoas à direita e Pernambuco com esquerda dividida

O governo de Alagoas aparece distante do campo da esquerda, com favoritismo do prefeito de Maceió, João Henrique Caldas (PL), à frente do ministro dos Transportes e ex-governador Renan Filho (MDB). Em dezembro de 2025, Renan confirmou a saída do governo para focar na disputa estadual. Segundo o Paraná Pesquisas, porém,





Imbróglio político em Pernambuco envolve João Campos e Raquel Lyra na disputa pelo governo

JHC avançou desde outubro e soma 47,6% das intenções de voto, enquanto Renan recuou para 40,9%.

Além da corrida ao governo, JHC busca ampliar influência no Senado ao projetar a candidatura de sua esposa, Marina Candia - movimento que pode afetar diretamente lideranças tradicionais como o senador Renan Calheiros (MDB) e o ex-presidente da Câmara Arthur Lira (PP).

Em Pernambuco, o cenário é de instabilidade nas alianças. O PT discute se mantém apoio ao prefeito do Recife, João Campos (PSB), ou se passa a apoiar a reeleição da governadora Raquel Lyra (PSD), vista por parte da legenda como mais alinhada ao discurso petista, apesar de estar atrás nas pesquisas: Campos registra 53,1% de aprovação, contra 31% de Lyra.

Segundo o cientista político da Unicamp Otávio Catelano, um eventual apoio de Lula e do PT à candidatura de Raquel Lyra poderia abalar profundamente a relação do partido com o PSB. “Por muito tempo a vitória de Campos na disputa estadual foi dada como certa, mas o uso da máquina pública fez com que Lyra recuperasse força e a corrida fosse reaberta.”, explica.

No Senado, Humberto Costa (PT) lidera os cenários com média de 24%, seguido pelo ministro Silvano Costa Filho (Republicanos), com 20%, de acordo com o Real Time Big Data.

Ciro no Ceará e coalizão conservadora no Rio Grande do Sul

A disputa pelo governo do Ceará desponta como uma das mais acirradas do país. Levantamento do Real Time Big Data indica empate técnico entre PT e PSDB: o governador Elmano de Freitas (PT) e o ex-governador Ciro Gomes (PSDB) aparecem com 39% das intenções de voto, cenário que se mantém em simulações mais restritas e confirma a forte dualidade estadual. À frente desse cenário incerto, a base

Disputa pelo governo do Ceará está acirrada entre o ex-governador Ciro Gomes (à esq.) e o atual Elmano de Freitas



governista flerta com a possibilidade de mudar o rumo e apostar na candidatura do ministro da Educação, Camilo Santana (PT), que pode assinar maior envergadura contra Ciro.

O petista deve deixar o comando do MEC até abril e afirmou que, caso saia da pasta, será para atuar nas campanhas de Elmano e Lula.

No Senado cearense, a corrida também é competitiva. Segundo o Ipsos-Ipec, o deputado Capitão Wagner (União) lidera com 39%, seguido por Eunício Oliveira (MDB) e Roberto Cláudio (União), que disputam em patamares semelhantes.

Na outra ponta do Brasil, a corrida pelo governo do Rio Grande do Sul projeta a reprodução da polarização nacional, com direita e esquerda articulando frentes contra o grupo político do governador Eduardo Leite (PSD).

À direita, PL e Novo formam uma frente liderada por Luciano Zucco (PL), com 29,3%, enquanto o campo progressista aposta em Edegar Pretto (PT), com 17%, e Juliana Brizola (PDT), com 11%.

Para o Senado, Eduardo Leite (PSDB) e Manuela D'Ávila (Psol) lideram com 19% e 16%, respectivamente, seguidos de perto por Paulo Pimenta (PT) e Marcel van Hattem (Novo), ambos com 15% - além de Ubiratan Sanderson (PL), com 12%, indicando uma disputa aberta. **E**

As tentativas de feminicídio no Brasil cresceram 671% entre 2015 e 2025

Recorde brutal

Ministério da Justiça aponta 1.470 casos de feminicídios em 2025: foram quatro vítimas por dia no país; faltam dados de dezembro de São Paulo, o estado com mais ocorrências do crime

O número de casos de feminicídio no Brasil é de estarrecer. E a expansão em uma década do assassinato de mulheres apenas por serem mulheres é brutal. Um balanço do Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP) apontou que o país bateu mais um recorde desse crime em 2025: foram 1.470 casos de feminicídio no ano passado, o equivalente a quatro vítimas por dia. Esse é um levantamento parcial porque ainda faltam dados de dezembro de quatro estados, entre eles, São Paulo, o que lidera essas estatísticas violentas. Ainda assim, o total nacional até o momento é superior as ocorrências de 2024, que foram 1.464.

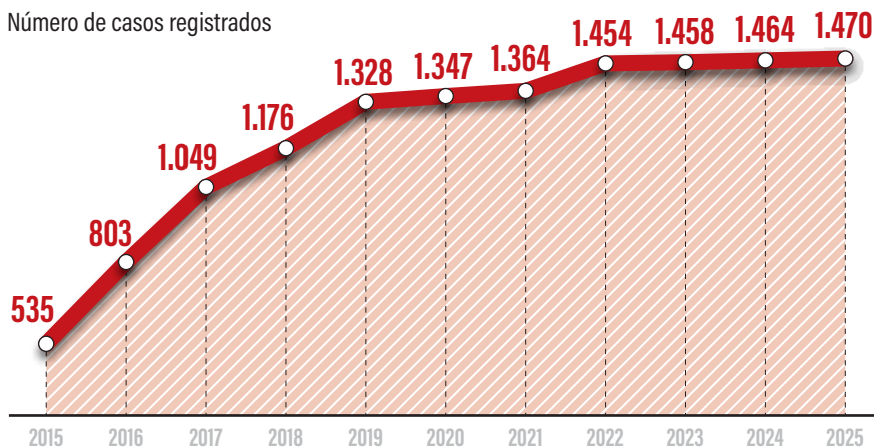
De 2015, quando ocorreu a tipificação do feminicídio, para 2025, o registro de casos escalou de maneira chocante: 175%. Dez anos atrás, foram 535 assassinatos (contra os atuais 1.470). As tentativas de feminicídio também aumentaram assustadoramente. Segundo dados do Sistema Nacional de Informações de Segurança Pública (Sinesp), em 2015 foram registradas no país 480 ocorrências (uma por dia). No ano passado, foram 3.702, o que corresponde a

10 tentativas a cada dia. De lá para cá, a alta é de 671%.

Com a contagem de todos os casos de mortes devido ao gênero na década, o Brasil chega à marca de 13.448 mulheres assassinadas. Na comparação entre os dados de 2024 e 2025, houve aumento de 0,41% no número de feminicídio e 16,23% nos registros de tentativas.

Feminicídio no Brasil

Número de casos registrados



Fonte: Sinesp

Ainda não foram incluídos no balanço do Sinesp de 2025 os registros de dezembro de Alagoas, Paraíba e Pernambuco, além de São Paulo. Na análise dos dez anos, os estados que estão no topo do ranking são: São Paulo, o primeiro colocado, Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

Os casos de ódio contra mulheres, que culminam em tentativas de agressão e resultam em mortes, tem se multiplicado pelo país. No final do ano, o Brasil acompanhou, em choque, o caso de Tainara Santos, de 31 anos, que foi atropelada e arrastada pela Marginal Tietê, na capital paulista. No dia 29 de novembro, às 6h da manhã, ela saiu de um bar e foi atingida pelo carro de Douglas Alves da Silva. Atropelada, ficou presa nas rodas do veículo. Foi arrastada por mais de um quilômetro. Teve lesões tão profundas que as pernas foram amputadas na altura do joelho.

Embora tenha sobrevivido à tamanha brutalidade no primeiro momento, Tainara, mãe de duas crianças, estava em quadro gravíssimo. Sofreu cinco cirurgias. No dia 24 de dezembro, por volta das 19h, ela morreu, no Hospital das Clínicas. E a polícia civil reclassificou o caso como sendo feminicídio consumado. Como os registros de dezembro de São Paulo ainda não estão no levantamento do Ministério da Justiça, oficialmente a morte de Tainara não se junta ao balanço. Mas não há dúvida de que fará parte desse terrível recorde brasileiro. **E**



Will Bank não honrou acordo com a Mastercard e BC removeu a fintech do sistema financeiro

DIVULGAÇÃO

Fora do sistema

BC decreta liquidação do Will Bank, do conglomerado Master; clientes têm contas e cartões bloqueados e agora dependem do FGC para acessar os próprios recursos

Matheus Almeida

Mais uma liquidação extrajudicial pelo Banco Central (BC) marcou a semana: a Will Financeira S.A. Crédito, Financiamento e Investimento. A instituição era controlada pelo Banco Master Múltiplo, que ainda vinha operando, mesmo com a liquidação do Master, em novembro passado. Com isso, muitos clientes do Will Bank acordaram na quarta-feira, 21, com as contas bloqueadas e os cartões sem funcionar. A decisão do BC removeu a fintech do sistema financeiro.

Quando foi decretada a liquidação do Master, a autoridade monetária optou por manter o banco Master Múltiplo operando sob Regime Especial de Administração Temporária (REAT). É que o BC ainda enxergava a possibilidade de uma solução que preservasse o funcionamento da Will Financeira. Tal solução, contudo, não se mostrou viável.

Então, o golpe fatal veio na segunda-feira, 19, quando a Will Financeira deixou de honrar um arranjo de pagamentos com a Mastercard.

“Tornou-se inevitável a liquidação extrajudicial da Will Financeira, em razão do comprometimento da sua situação econômico-financeira, da sua insolvência e do vínculo de interesse evidenciado pelo exercício do poder de controle do Banco Master S.A., já sob liquidação extrajudicial”, informou o BC.

A autoridade monetária nomeou Eduardo Félix Bianchini, ex-servidor do órgão, para tocar a liquidação. Ele já atuou em outros oito casos do tipo e é o responsável pela liquidação do Master.

Com o cenário, os clientes do Will Bank ficaram em situação no mínimo inusitada: sem acesso ao próprio dinheiro, e com a obrigação de arcar com a fatura aberta e os possíveis par-

celamentos no cartão de crédito. “Não é porque a instituição está sendo liquidada que você deixa de pagar as obrigações. Você terá de pagar”, afirma o advogado Bruno Boris, sócio-fundador do escritório Bruno Boris Advogados.

O cliente que não arcar com as obrigações de pagamento seguirá sujeito às mesmas punições, disse a economista Carla Beni, professora da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e Conselheira do Conselho Regional de Economia do Estado de São Paulo. “As compras já realizadas continuam válidas e o cliente deve seguir pagando as parcelas normalmente. Atrasar o pagamento da fatura com o banco em liquidação pode gerar os mesmos juros e multas contratados, além do risco de o nome ser negativado”, esclarece Carla.

Os especialistas consultados pela reportagem explicam que, no ato de liquidação extrajudicial, o BC deverá nomear um liquidante, uma instituição financeira que ficará responsável por vender os ativos do Will Bank, pagar os credores e, também, realizar esse tipo de cobrança. As dívidas de cartão de crédito são um ativo do Will Bank, que deverá entrar na conta da liquidação do banco. “Ou seja, o valor devido continua sendo um passivo do consumidor, que agora passará a ser cobrado pela instituição responsável pela liquidação”, explica a economista.

Os clientes do Will conseguirão acessar o dinheiro que tinham em conta somente quando houver a liberação por meio do Fundo Garantidor de Crédito (FGC). Criado em 1995, o FGC, vale lembrar, funciona como uma espécie de “seguro” contra a falência de um banco. Ele reembolsa os valores que estavam nas contas-correntes, além de alguns investimentos de renda fixa como CDBs, LCIs, LCAs, RDBs e a poupança.

Para que os valores do FGC sejam liberados, no entanto, demora um certo tempo. “Apesar da instabilidade atual, o cliente ainda tem seus valores preservados e deve agir com cautela: evitar movimentações arriscadas, manter registros de tentativas de saque ou pagamento, e aguardar instruções do próprio Will ou do Banco Central sobre como proceder em definitivo”, aconselha o economista Fábio Murad, CEO da Super-ETF Educação. **E**

O eVTOL tem capacidade de levar quatro passageiros, além do piloto

DIVULGAÇÃO



"Carro voador" em São Paulo?

Serviço será operado no fim de 2027 pela Revo, que já freta helicópteros na capital paulista; companhia tem contrato de US\$ 250 mi com Eve Air Mobility, subsidiária da Embraer

Eduardo Vargas

Até o fim do ano de 2027 será possível dar um passeio de "carro voador" pelos céus da capital paulista, solicitando o serviço como se pede um Uber hoje. É a expectativa da Revo, companhia que já atua em São Paulo fretando voos de helicóptero, e que irá operar os eVTOLs (Veículos de Decolagem e Pouso Vertical Elétrico, em tradução livre) da Eve Air Mobility, uma subsidiária da Embraer.

Atualmente, um voo de helicóptero da Revo, da avenida Faria Lima, coração financeiro do Brasil, até o aeroporto internacional de Guarulhos, custa cerca de R\$ 2,7 mil. O preço contempla o voo em si, que demora pouco menos de 10 minutos, e também o serviço de transfer terrestre com motorista particular e outras comodidades.

Inicialmente, quando os eVTOLs passarem a serem operados pela empresa, o preço será o mesmo. Isso ocorre por conta de ser uma novidade e a empresa ainda "medir a temperatura" da demanda e entender como funcionará o mercado. Entretanto, essa cifra deve cair até 30% ao longo dos anos, segundo o CEO da Revo, João Welsh.

"Não sabemos muitos detalhes ao certo sobre a precificação, mas olhando para um horizonte de cinco anos – e que pode ser mais rápido do que isso – devemos baratear de 20% a 30%. Está tudo no power point ainda, é preciso voar primeiro. O tempo de trajeto é igual a de um helicóptero, de 8 a 9 minutos [da Faria Lima ao aeroporto internacional], mas temos melhorias de utilização do espaço aéreo", afirma o executivo.

O custo operacional do "carro voador" é mais baixo do que seus pares e, por conta disso, no médio e longo prazo, o serviço pode ter uma dinâmica de preços ainda diferente e, segundo Welsh, ser ofertado para "uma gama de clientes ainda maior".

"No início, estas coisas são sempre para um público mais elevado em termos de renda, como todas as transformações que vimos no transporte. Quando chegou o avião, era só para as elites, os barcos no início também eram assim. A tendência é esta, mas com o tempo existe um efeito mais democrático do transporte. É isso que esperamos que a tecnologia permita."

O eVTOL tem capacidade de levar quatro passageiros (além do piloto), tem emissão de carbono zero e tem um be-

Como funciona um eVTOL

O eVTOL desenvolvido pela Eve Air Mobility faz com que o Brasil esteja na vanguarda dessa tecnologia: a subsidiária da Embraer tornou a aeronave um negócio escalável e lucrativo, fazendo a indústria sonhar de forma mais concreta com um táxi aéreo elétrico, moderno e com custos mais baixos.

Em suma, o veículo é uma aeronave elétrica de decolagem e pouso vertical, com foco em rotas curtas dentro ou ao redor de centros urbanos. O design combina duas funções de voo: Lift e Cruise (sustentação e cruzeiro). O sistema tem rotores dedicados exclusivamente à subida e descida vertical e asas fixas para o voo horizontal. Não há partes móveis que mudam de posição durante o voo.

Totalmente elétrico, o eVTOL da Eve é movido por baterias. A autonomia é projetada para cerca de 100 quilômetros por carga, e a velocidade média de cruzeiro deve ficar em torno de 200 km/h.

São empregados sistemas de controle baseados principalmente em fly-by-wire, tecnologia eletrônica que transmite os comandos do piloto aos atuadores sem ligação mecânica direta. Isso melhora a precisão dos controles e facilita a integração com sistemas automatizados de gestão de voo.

Antes de entrar em serviço comercial, a aeronave passa por uma fase extensa de testes de voo e certificação junto a órgãos reguladores, como a Agência Nacional de Aviação Civil (Anac) e autoridades internacionais. O protótipo já realizou voos de teste, validando sistemas essenciais e iniciando o ciclo de ensaios que antecede a operação comercial.

nefício indireto para quem apenas verá a aeronave no céu, sem usufruir do serviço. “Um fator imediato é o ambiental. Ele tem impacto para o cliente que voa, mas também um impacto colateral para as pessoas que vivem na cidade”, diz Welsh. Ele pontua que a capital paulista é muito afetada pelo movimento aéreo de aviões e helicópteros. “Quem mora em São Paulo já se habituou ao ruído, mas quem vem de fora nota isso logo

ines249



Welsh, da Revo: veículos mais silenciosos vão beneficiar a cidade

DIVULGAÇÃO

que chega. No dia que começarmos a ter veículos mais silenciosos, não são só os passageiros que vão se beneficiar, mas também a cidade”, acrescenta.

Parceria milionária

O contrato da Revo com a Eve é da cifra de US\$ 250 milhões, pela aquisição de 50 aeronaves. O valor, entretanto, não será pago à vista ou em uma só parcela. O investimento será faseado, e tanto o dinheiro pago quanto a remessa de aeronaves serão fracionados.

“Não vamos receber 50 no primeiro dia, e isso obviamente está ligado com o investimento. Existe uma ideia de receber primeiro duas aeronaves, em um primeiro passo, depois mais duas, mais três e por aí vai”, revela o executivo.

A decisão de investimento “não foi fácil” justamente por representar um aporte substancial – na casa dos bilhões, caso convertida para a moeda local brasileira. No total, foram 18 meses de diálogo e planejamento até o contrato ser assinado.

Entretanto, o Conselho de Administração e os sócios entraram em consenso sobre o tema, especialmente considerando que a expectativa é de que o serviço de eVTOLs ganhe protagonismo e seja o core business da companhia, representando uma fatia maior da operação e do faturamento em detrimento dos helicópteros.

O momento da Revo é de expansão, com o faturamento de 2025 tendo um incremento próximo dos 200% ante o ano anterior, fruto de uma operação com três aeronaves dedicadas à operação de São Paulo, com quatro rotas

fixas. Hoje, a empresa opera somente na capital paulista, mas não descarta expandir para outras cidades, inclusive fora do país. Para ela, é mais vantajoso procurar “outras cidades iguais São Paulo”, eventualmente na América Latina.

“Nós vemos um crescimento mês a mês do negócio, e, portanto, a vontade de crescer segue, e não só em São Paulo. Estamos avaliando a Revo ir para outras cidades. Isso não necessariamente está condicionado ao eVTOLs, mas vemos potencial em usá-los. É mais provável que seja fora do Brasil”, declara Welsh.

No cenário global, o mercado de eVTOLs ainda está em fase pré-operacional. Não há, até o momento, um serviço comercial regular desse tipo em funcionamento em larga escala. A Eve aparece entre as empresas mais avançadas nesse processo.

Segundo dados da Eve, há cerca de três mil unidades encomendadas via cartas de intenção por aproximadamente 30 clientes de 15 países diferentes. Essas encomendas não são contratos formais de compra, mas indicam interesse comercial e ajudam a financiar o desenvolvimento do projeto.

Especialistas do setor apontam que o sucesso dos eVTOLs depende de fatores como regulação, aceitação do público, integração com o transporte terrestre e viabilidade econômica. No Brasil, a Agência Nacional de Aviação Civil (Anac) já publicou normas específicas para esse tipo de aeronave, o que é visto como um passo importante para viabilizar a operação comercial. **E**



Em Davos, Trump disse que não usaria a força para obter o controle da ilha

ROMINA AMATO/REUTERS

Ruptura acelerada

Com sua obstinação pela Groenlândia, Trump desafia a Europa e organismos internacionais, pressiona aliados com aumento de tarifas e provoca as discussões sobre a construção de uma nova ordem mundial

Na semana em que o presidente dos Estados Unidos Donald Trump comemorou seu primeiro ano do segundo mandato, protestos se intensificaram pelas ruas de Copenhague, na Dinamarca, e em Nuuk, capital da Groenlândia. As manifestações eram resposta ao recrudescimento de sua obstinação pela maior ilha do mundo. Em seu primeiro governo, ele já falava em comprá-la, o que soava uma excentricidade, à época. Hoje, o mundo sabe que a intenção é real. Depois de ter cercado e invadido a Venezuela e ter sequestrado Nicolás Maduro, mantendo-o preso em Nova York – e isso logo no terceiro dia de 2026 –, Trump voltou sua atenção para seu antigo “objeto do desejo”. Ele está empenhado em conseguir a ilha e agora há uma preocupação global em torno do que efetivamente pretende fazer para realizar seu sonho. Afinal, o presidente não teme organismos internacionais como a ONU. Pelo contrário, está empenhado em desacreditar a entidade.

Trump assumiu a presidência em 20 de janeiro do ano passado, mas poucos dias antes da posse já tinha mencionado a ilha, um território autônomo da Dinamarca que adentra o Círculo Ártico. Em março, em discurso no Congresso Nacional, em sessão conjunta da Câmara e do Senado, ele disse que

tinha uma mensagem para o povo da Groenlândia. “Nós apoiamos firmemente o direito de vocês de determinar o próprio futuro. E, se escolherem, nós os acolheremos nos Estados Unidos. Nós precisamos da Groenlândia para a segurança nacional e até para a segurança internacional, e estamos trabalhando com todos os envolvidos para tentar obtê-la. Mas precisamos dela, de fato, para a segurança global. E acho que vamos conseguir, de um jeito ou de outro”, declarou.

Desde então, essa ideia foi ganhando corpo, em meio a ações e pressões de seu governo sobre outros territórios, da Faixa de Gaza até o Canal do Panamá. Ao mesmo tempo, Dinamarca, países-membros da Otan (a Organização do Tratado do Atlântico Norte) e a própria União Europeia deixavam claro que a Groenlândia não está à venda. Neste ano, no sábado 17, veio a atitude mais contundente de Trump para tentar concretizar seu plano. Ele ameaçou países europeus com tarifas de até 25%, como forma de pressão para obter o aval do continente sobre o controle da ilha, o que ele considera essencial para a construção do projeto chamado “Domo de Ouro”, um sistema de defesa antimísseis anunciado pelo mandatário em maio do ano passado.

Tarifas para quem discordar

Foi na rede social Truth, plataforma que pertence a Trump, que o republicano comunicou sua intenção de aumentar as tarifas dos países europeus que estão interferindo em seu plano. A mensagem avisava que, a partir de 1º de fevereiro, Dinamarca, Noruega, Suécia, França, Alemanha, Reino Unido, Holanda e Finlândia – todos integrantes da Otan e todos aliados – estariam sujeitos a sobretaxas de 10% sobre produtos enviados aos Estados Unidos.

“Em 1º de junho de 2026, a tarifa será aumentada para 25%”, acrescentou no post, explicando que a taxa seria aplicada “até que se alcance um acordo para a compra completa e total da Groenlândia”. Na visão de Trump, as nações mencionadas estão envolvidas em um jogo muito perigoso ao assumirem “um nível de risco que não é sustentável, nem tolerável”. E emendou: “Portanto, é imperativo que, a fim de proteger a paz e a segurança mundiais, sejam tomadas medidas para que essa situação potencialmente perigosa termine rapidamente”. Por fim, veio o recado. Ele estava aberto a negociar imediatamente com a Dinamarca ou com qualquer um dos países ameaçados com o novo tarifaço.

Em resposta, os presidentes da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, e do Conselho Europeu, António Costa, divulgaram um comunicado, assinado em conjunto, repudiando a decisão do republicano. “A imposição de tarifas prejudicaria as relações transatlânticas e acarretaria o risco de uma espiral descendente perigosa. A Europa permanecerá unida, coordenada e comprometida com a defesa de sua soberania”.

Indignação nas ruas

Em Nuuk e na Dinamarca, eclodiram protestos. Muitas pessoas usavam um boné que virou uma espécie de marca da indignação. Eles estampam a frase “Make America Go Away” (“Faça a América Ir Embora”), em alusão ao lema trumpista “MAGA – Make America Great Again” (“Faça a América Grande Novamente”). Outro slogan fez sucesso: “Nu det Nuuk”, trocadilho em dinamarquês que se assemelha a “Nu det nok” (“Agora é o bastante”) e que remete à capital da ilha.

Nuuk se encheu de protestos contra a pressão dos EUA pela incorporação do território



MADS SCHMIDT RASMUSSEN

A tensão em torno da Groenlândia teve sua temperatura elevada e avançou sobre uma discussão a respeito de ruptura da ordem mundial porque, ao mesmo tempo, em Davos (Suíça), líderes e chefes de governo e o topo da elite empresarial do planeta se encontravam no Fórum Econômico Mundial. Na agenda dos debates, claro, entrou a forte pressão do mandatário norte-americano para incorporar a ilha.

Um dos pronunciamentos mais fortes do Fórum foi do premiê canadense, Mark Carney, na terça-feira, 20. Ele ressaltou que o mundo não atravessa uma transição: há uma quebra. E disse que há forças intermediárias importantes, com outros valores e posturas. “Vou falar sobre uma ruptura na ordem mundial, o fim de uma ficção confortável e o início de uma realidade dura, em que a geopolítica da grande potência não está submetida a limites, nem restrições. Por outro lado, outros países, especialmente as potências intermediárias como o Canadá, não são impotentes. Eles têm a capacidade de construir uma nova ordem que incorpore nossos valores, como o respeito aos direitos humanos, o desenvolvi-

mento sustentável, a solidariedade, a soberania e a integridade territorial dos diversos Estados”, declarou.

Carney pontuou que nas últimas duas décadas, uma série de crises (financeiras, sanitárias, energéticas e geopolíticas) expôs os riscos da integração global extrema. “Mais recentemente, as grandes potências passaram a usar a integração econômica como arma, tarifas como alavanca, infraestrutura financeira como coerção e cadeias de suprimento como vulnerabilidades a serem exploradas. Não é possível viver na mentira do benefício mútuo da integração quando a integração se torna a fonte da sua subordinação”, argumentou.

O premiê canadense afirmou ainda que as instituições multilaterais nas quais as potências intermediárias confiam — ONU, OMC e COPs — estão sob ameaça. “Como resultado, muitos países chegam à mesma conclusão: precisam desenvolver maior autonomia estratégica em energia, alimentos, minerais críticos, finanças e cadeias produtivas”.

Diante desse cenário, para enfrentar “problemas globais”, o Canadá decidiu investir em uma “geometria variável”, ou seja, diferentes coalizões para

Do aperto de mão à ameaça de “tarifaço no champanhe”

A relação entre Emmanuel Macron e Donald Trump consolidou-se como um eixo complexo da diplomacia ocidental. A tentativa de alinhamento pragmático dos líderes enfrenta visões de mundo incompatíveis: de um lado, o multilateralismo defendido pela França; do outro, o protecionismo da Casa Branca. Recentemente, a tensão aumentou quando Trump ameaçou com barreiras tarifárias produtos de alto valor agregado, medida atrelada à discordância em relação à Groenlândia.

O histórico de fricção entre Trump e Macron remonta a episódios de carga simbólica, como o aperto de mão na Conferência de Paz no Oriente Médio, em 2025. Ao se encontrarem diante das câmeras, o cumprimento transformou-se em um embate de resistência física que durou alguns segundos. Eles pressionaram a mão um do outro enquanto realizavam uma espécie de “queda de braço”. Gerou estranhamento.

Nesta semana, Trump divulgou mensagens trocadas com o presidente francês depois que Macron manifestou à imprensa sua intenção de não aderir ao Conselho de Paz criado pelo republicano para administrar a Faixa de Gaza no pós-guerra. Em sua rede social, o presidente dos EUA mostra que o mandatário francês o chama de amigo, concorda com sua atuação na Síria e no Irã, porém, traça um limite em relação à ilha. “Eu não entendo o que você está fazendo sobre a Groenlândia”, escreveu Macron. No fim, ele o convida para uma reunião e um jantar em Paris e assina “Emmanuel”.

Fiel aos preceitos da ONU, Macron se consolida como o contraponto europeu ao ceticismo de Trump às organizações internacionais. Como represália a essa resistência diplomática, a administração Trump sinalizou a possibilidade de tarifas retaliatórias de 200% contra vinhos e champanhe franceses. O foco na bebida não é casual, trata-se de um setor estratégico para a balança comercial do país, desenhado para atingir a base de apoio econômica de Macron.

Luma Venâncio



FREDERICK FLORIN

Ursula von der Leyen: a velha ordem mundial acabou

O canadense Mark Carney fala de ruptura e propõe coalizões por diferentes temas

MATHEU BELANGER

diferentes temas, como explicou Carney. “Firmamos uma parceria estratégica abrangente com a União Europeia, incluindo a adesão aos mecanismos europeus de compras de defesa. Assinamos 12 acordos comerciais e de segurança em quatro continentes em seis meses. Nos últimos dias, concluímos novas parcerias estratégicas com China e Catar”, enumerou. O prêmio fez uma proposta: “Diante da rivalidade entre grandes potências, os países intermediários têm uma escolha: competir por favores ou se unir para criar um terceiro caminho com impacto real. (...) Sabemos que a velha ordem não vai voltar. Não devemos lamentá-la. Nostalgia não é estratégia”.

Sobre a questão nevrálgica da semana, foi direto: “Na soberania do Ártico, estamos firmemente ao lado da Groenlândia e da Dinamarca. O Canadá se opõe firmemente a tarifas relacionadas à Groenlândia e defende negociações focadas para alcançar nossos objetivos comuns de segurança e prosperidade no Ártico”.

Também na terça-feira, 20, o primeiro-ministro belga Bart De Wever usou palavras duras em Davos para criticar Trump. Ele disse que o presidente dos Estados Unidos estava se tornando um “monstro” ao pressionar a Dinamarca a abrir mão do controle

do território ártico, rico em minerais. De Wever comentou que, até então, a União Europeia vinha tentando “apaziguar o novo presidente na Casa Branca”, referindo-se ao acordo comercial firmado com os Estados Unidos no ano passado, que recebeu críticas por alguns que consideraram uma capitulação do velho continente a Washington. Porém, ele salientou que agora muitas “linhas vermelhas” estão sendo ultrapassadas. “Ser um vassalo feliz é uma coisa. Ser um escravo miserável é outra”, emendou.

O presidente francês Emmanuel Macron também condenou a postura de Trump. “A competição com os Estados Unidos busca subordinar a Europa, o que é inaceitável. Aceitar passivamente uma nova subordinação dos EUA não faria sentido. Não faz sentido ameaçar seus aliados com tarifas”, criticou.

Macron ainda acenou que o bloco europeu poderia recorrer a medidas de retaliação, como o instrumento anti-coerção, o que significa impor tarifas, restringir acessos a contratos públicos europeus e limitar investimentos do país que pratica a coerção.

Outra liderança que escancarou seu descontentamento foi Ursula von der Leyen. Ela afirmou, em discurso no Parlamento Europeu, em Estrasburgo (França), que “a velha ordem mundial

acabou”. A presidente da Comissão Europeia alertou que essa mudança não é sísmica, mas permanente, citando um quadro instável que engloba Groenlândia, os bombardeios incessantes da Rússia na Ucrânia e tensões no Irã, no Oriente Médio e no Indo-Pacífico.

Na quarta-feira, 21, foi a vez de Trump se pronunciar em Davos. O mandatário afirmou que não usará a força para obter o controle da ilha. Mas recorreu à palavra diversas vezes. “Provavelmente não conseguiremos nada a menos que eu decida usar a força excessiva, caso em que seríamos, francamente, imparáveis, mas não farei isso. Agora todos estão dizendo: ‘Ah, que bom’. Essa é provavelmente a declaração mais importante que fiz, porque as pessoas pensavam que eu usaria a força. Não preciso usar a força. Não quero usar a força. Não usarei a força”.

O recuo e o acordo

No mesmo dia, o republicano recuou em suas ameaças de impor tarifas como alavanca para tomar a Groenlândia e disse que um acordo estava à vista. “É um acordo com o qual todos estão muito satisfeitos”, disse Trump aos repórteres após sair de uma reunião com o secretário-geral da Otan, Mark Rutte. “É um acordo de longo prazo. É o melhor acordo de longo prazo. Ele coloca todos em uma posição muito boa, especialmente no que diz respeito à segurança e aos minerais.” Ele acrescentou: “É um acordo que é para sempre”. Um porta-voz da Otan informou que as negociações entre Dinamarca, Groenlândia e Estados Unidos seguiriam em frente “com o objetivo de garantir que a Rússia e a China nunca consigam se estabelecer — econômica ou militarmente — na Groenlândia”.

O ministro das Relações Exteriores da Dinamarca, Lars Lokke Rasmussen, disse à emissora pública DR que era crucial “encerrar essa questão”, respeitando a integridade e a soberania da Dinamarca e o direito do povo da Groenlândia à autodeterminação. Detalhes não foram abertos, mas, de acordo com o jornal The New York Times, está em discussão a entrega de áreas da ilha para o governo norte-americano construir bases militares nesse território que desperta tanta cobiça por parte de Trump. **E**

Paz cobrada

Casa Branca convida chefes de Estado e de governo para formar um conselho para “promover a estabilidade no mundo”, inclusive na Faixa de Gaza. Mas isso tem um custo

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, deu início à implementação do chamado Conselho de Paz, criado inicialmente para o pós-guerra na Faixa de Gaza. Para isso, a Casa Branca enviou convites a diversos chefes de Estado e de governo, entre eles para o presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva. O plano prevê um conselho presidido por Trump para “promover a estabilidade” no mundo, conforme “estatuto” acessado pela AFP, dando a entender que o tal conselho atuaria em outros conflitos.

No caso da Faixa de Gaza, seria constituído também um comitê tecnocrata palestino para administração provisória do território e um conselho executivo. Bahrein, Egito, Israel e Emirados Árabes Unidos aceitaram o convite. Já Noruega, Suécia e França anunciaram que não participarão, citando preocupações com o formato da iniciativa e tensões recentes nas relações entre Estados Unidos e Europa, incluindo questões relacionadas à Groenlândia.

“A proposta americana levanta uma série de questões que exigem um diálogo mais aprofundado com os Estados Unidos. Portanto, a Noruega não aderirá ao Conselho de Paz e não participará da cerimônia de assinatura em Davos”, disse o secretário de Estado de Oslo, Kristoffer Thoner à AFP.

O presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, confirmou na terça-feira, 20, o recebimento do convite para o Conselho de Paz proposto por Trump. Apesar de afirmar que seus diplomatas estão analisando a convocação, Zelensky declarou ser “muito difícil” imaginar-se ao lado da Rússia em qualquer cenário diplomático.

Em contrapartida, o xeque Mohammed bin Zayed Al Nahyan, presidente dos Emirados Árabes Unidos, aceitou

o convite, conforme comunicado do Ministério das Relações Exteriores do país. O mesmo ocorreu com o rei Hamad bin Isa Al Khalifa, do Bahrein.

Já informaram que aceitaram a proposta: os premiês da Albânia (Edi Rama), Hungria (Viktor Orbán) e os presidentes da Argentina (Javier Milei), do Cazaquistão (Kassym-Jomart Tokayev), do Paraguai (Santiago Peña) e do Uzbequistão (Shavkat Mirziyoyev).

Há um “detalhe” muito importante na proposta: os países membros — representados por seus chefes de Estado — podem participar por três anos do conselho ou por um período maior se pagarem mais de US\$ 1 bilhão no primeiro ano. De acordo com o estatuto recebido pela AFP, os mandatos são de três anos, exceto para aqueles que “contribuírem com mais de US\$ 1 bilhão em recursos financeiros ao Conselho da Paz dentro do primeiro ano”.

Divulgado na sexta-feira, 16, o “Comitê Nacional para a Administração

de Gaza (NCAG)” é capitaneado pelo presidente dos EUA e conta ainda com Marco Rubio, secretário de Estado do governo Trump. Também estão na lista informada pela Casa Branca o empresário Jared Kushner, genro de Trump; Tony Blair, ex-primeiro-ministro do Reino Unido; Marc Rowan, magnata financista americano; Ajay Banga, presidente do Banco Mundial, e Robert Gabriel, fiel colaborador de Trump no Conselho de Segurança Nacional.

Lula confirmou ter recebido o convite para integrar o conselho da paz, bem como os premiês Mark Carney, do Canadá, Georgia Meloni, da Itália, e Benjamin Netanyahu, de Israel. Trump disse que o presidente russo Vladimir Putin aceitou a proposta, mas o Kremlin não confirmou — a oferta estaria em estudos. O papa Leão XIV também foi convidado. O Vaticano afirmou estar analisando a proposta.

Na terça-feira, 20, durante evento de entrega de unidades habitacionais do programa Minha Casa, Minha Vida, em Rio Grande (RS), Lula afirmou que Trump tenta “governar o mundo” a partir das redes sociais. “Vocês já perceberam que o presidente Trump quer governar o mundo pelo Twitter?”, declarou, referindo-se à plataforma rebatizada como X. O presidente brasileiro estaria monitorando as reações dos líderes globais à ideia para se pronunciar posteriormente a respeito do convite. **E**

DENIS BALIBOUSE

Marco Rúbio, secretário de Estado do governo Trump, é um dos integrantes do conselho





Os incêndios florestais no Chile causaram 20 mortes

Terra em chamas

Incêndios destroem cidades no sul do Chile; na Patagônia argentina, o fogo queimou mais de 25 mil hectares do parque nacional; governos apuram impacto climático e ação criminosa

Um cenário de destruição é como pode ser descrita a paisagem de três regiões no sul do Chile, atingidas por incêndios florestais devastadores na semana passada. Na terça-feira, 20, algumas pessoas voltaram a suas casas em Ñuble, Araucanía e Biobío, esta última a cerca de 500 quilômetros ao sul da capital Santiago; ela é considerada o epicentro da catástrofe,

que matou 20 pessoas. As chamas se alastraram no fim de semana, impulsionadas por calor extremo, seca prolongada e ventos intensos.

De acordo com a Corporação Nacional Florestal (Conaf), cerca de 40 mil hectares foram consumidos pelo fogo. Ao menos 21 focos permaneciam ativos até a terça-feira, combatidos por aproximadamente 4 mil bombeiros.

Apesar de uma queda temporária nas temperaturas — que ficaram abaixo dos 30 °C após três dias consecutivos de calor intenso —, as autoridades alertam que os incêndios ainda não estão sob controle.

O impacto humano é severo: 7.237 pessoas estão desabrigadas, número que pode aumentar à medida que novas áreas são avaliadas. Vilas inteiras foram destruídas, especialmente em localidades como Lirquén e Penco, onde o fogo avançou rapidamente durante a madrugada de domingo. “Foi horrível. As chamas vinham direto para o nosso setor. Peguei meu filho e fugi”, relatou a moradora Yagora Vásquez à AFP.

Críticas à resposta do Estado surgiram. Moradores cobram itens como energia elétrica, iluminação, água e banheiros químicos. O presidente chileno Gabriel Boric visitou no domingo as regiões atingidas e prometeu acelerar a ajuda. O governo anunciou um bô-



Na província de Chubut, na Patagônia argentina, mais de 15 mil hectares foram destruídos pelas chamas

MAXIJONAS/REUTERS

nus emergencial entre US\$ 350 e US\$ 1.500 para famílias afetadas.

Ainda que o efeito climático seja considerável, o governo chileno também apura a possibilidade de ações criminosas. Em comunicado divulgado na segunda-feira, 19, o ministro do Interior Álvaro Elizalde afirmou que há indícios de incêndios intencionais em áreas da região de Biobío. O ministro da Segurança, Luis Cordero, confirmou a apreensão de recipientes plásticos com líquido acelerante, possivelmente usados para provocar o fogo. Em fevereiro de 2024, incêndios de origem criminosa nos arredores de Viña del Mar deixaram 138 mortos, em um dos piores desastres recentes do país.

A tragédia no Chile ocorre em paralelo a uma situação crítica no sul da Argentina. Na Patagônia, incêndios fora de controle devastaram mais de 15 mil hectares na província de Chubut, segundo o Serviço Provincial de Manejo do Fogo. O foco mais grave, próximo à localidade de Epuýén, sozinho atingiu 11.970 hectares e destruiu dezenas de casas. Cerca de três mil turistas foram evacuados.

Autoridades argentinas estimam que, somados outros focos ativos — como no Parque Nacional Los Alerces —, o total de área queimada na região pode chegar a 25 mil hectares neste ano, número superior ao registrado em

qualquer outro período recente. O governador Ignacio Torres classificou o cenário como “muito crítico” e destacou que a província enfrenta a pior seca desde 1965.

Especialistas apontam que o aumento da frequência e da intensidade dos incêndios está diretamente ligado às mudanças climáticas, à vegetação ressecada e à introdução de espécies vegetais altamente inflamáveis, como o pinus. No Chile, o Centro de Ciência do

Clima e da Resiliência registrou temperaturas sem precedentes de até 41 °C em áreas do sul do país, criando condições ideais para a propagação do fogo.

Apesar da trégua momentânea no clima, as autoridades chilenas alertam para a possibilidade de nova onda de calor extremo nos próximos dias, o que pode agravar a situação. Enquanto isso, equipes forenses trabalham na identificação das vítimas, muitas delas carbonizadas, processo que depende de exames de DNA e pode se estender por vários dias.

Incêndios florestais neste mês também atingiram gravemente cidades na África do Sul. Na terça-feira, 20, dois grandes focos afetavam a região de Western Cape. As chamas se espalharam por áreas com vegetação seca e terreno acidentado, próximas a pequenas cidades e locais de preservação. O incêndio de Pearly Beach já tinha consumido mais de 33 mil hectares, e o de Stanford ultrapassava 4 mil hectares.

As equipes de emergência obtiveram avanços pontuais com contrafogo, lançamentos aéreos de água e ações intensivas de rescaldo, entre outras estratégias, mas ventos variáveis, vegetação densa e encostas íngremes seguem provocando focos ativos. Ordens de evacuação foram emitidas, especialmente em Eluxolweni, onde um centro comunitário foi aberto como abrigo. **E**

ESA ALEXANDER/REUTERS



Vegetação seca, calor e terrenos acidentados alastraram o fogo na África do Sul

O mundo em resumo

As notícias que se destacaram no noticiário internacional durante a semana

México

Presidente destaca avanços contra o narcotráfico

A presidente Claudia Sheinbaum apresentou resultados do combate ao narcotráfico após cobranças dos Estados Unidos. Segundo ela, houve redução de 50% no tráfico de fentanil na fronteira americana, além da apreensão de 320 toneladas de drogas e queda de 40% nos homicídios dolosos desde outubro de 2024. O governo mexicano defendeu cooperação com responsabilidade compartilhada e respeito à soberania, cobrando ações dos EUA contra o consumo de drogas e o tráfico de armas. Claudia rejeitou a presença de tropas estrangeiras, tema usado por Donald Trump para pressionar o país com ameaças comerciais ligadas ao acordo T-MEC (Tratado entre México, Estados Unidos e Canadá).

Cuba

País atende só metade da demanda de eletricidade

Cuba conseguiu suprir apenas cerca de 50% de sua necessidade diária de eletricidade em 2025. A informação é da AFP. A demanda média é de 3.300 MW, mas o déficit ficou em torno de 1.640 MW ao longo do ano, situação que persiste em 2026. Houve avanço na geração solar, com cerca de 40 parques instalados, elevando a produção fotovoltaica, mas a falta de baterias impede o uso à noite, quando o consumo é maior. Sob embargo dos EUA desde 1962 e em crise econômica, a ilha sofre com escassez de combustível, que pode piorar após a intervenção do governo Trump na Venezuela, principal fonte energética do país desde 2000.

Chile

Ex-defensores de Pinochet no novo governo

O presidente eleito José Antonio Kast anunciou os ministros que tomarão posse no dia 11 de março, com destaque para dois advogados que atuaram na defesa do ditador Augusto Pinochet. Fernando Rabat assumirá o ministério da Justiça e os Direitos Humanos, enquanto Fernando Barros, que integrou a defesa de Pinochet após sua prisão em Londres, comandará a Defesa. Apesar do discurso de "governo de unidade", Kast formou um ministério majoritariamente técnico e apolítico, com predominância de empresários e acadêmicos e pouca consulta aos partidos aliados.



Espanha

Acidentes fatais lançam alerta sobre ferrovias

Dois acidentes ferroviários na Espanha, ocorridos no espaço de poucos dias, levantaram dúvidas sobre a segurança da rede e levou maquinistas a convocarem três dias de greve em fevereiro. Dois dias após a colisão em Adamuz, na Andaluzia, quando dois trens de passageiros de alta velocidade descarrilaram e deixaram 43 mortos, um novo acidente em Gelida, na Catalunha, matou um condutor e feriu 37 pessoas, após a queda de um muro sobre a via durante um temporal. O sindicato da categoria classificou os episódios como um "ponto de inflexão" e exigiu medidas urgentes. O governo, por sua vez, defendeu a confiabilidade do sistema. Depois, aconteceram mais dois acidentes com trens. O setor e o governo de Pedro Sánchez estão sob forte pressão.

Síria

Governo anuncia trégua de 4 dias com curdos

O governo sírio decretou na terça-feira, 20, novo cessar-fogo de quatro dias com as Forças Democráticas Sírias (FDS), lideradas por curdos, após o envio de reforços militares à província de Hasakah. A trégua busca retomar negociações para integrar as estruturas civis e militares curdas ao Estado sírio, iniciativa defendida pelo presidente interino Ahmed al Sharaa após a queda de Bashar al Assad. As conversas anteriores fracassaram, mas o novo acordo prevê consultas para definir a incorporação das áreas curdas, sem entrada imediata do Exército em centros urbanos. As FDS afirmaram que respeitarão a trégua se não houver ataques.

Harbour contou que apenas recentemente a psicoterapia entrou na rotina

DIVULGAÇÃO/NETFLIX

Desordem e caos

Relato de David Harbour, ator de “Stranger Things”, sobre transtorno bipolar chama atenção para diagnóstico, tratamento e impacto da doença na vida adulta

Letícia Sena

O ator David Harbour, famoso pelo papel do xerife Hopper na série “Stranger Things”, falou recentemente sobre o diagnóstico de transtorno bipolar e o processo de tratamento que passou a integrar sua rotina. As declarações foram dadas para o site Future of Personal Health e trouxeram detalhes sobre sua luta pela sobriedade e a importância do acompanhamento profissional e de mudanças no dia a dia.

O ator revelou que a interrupção do uso de bebidas alcoólicas, ainda na jovem vida adulta, o levou a enfrentar questões emocionais que estavam mascaradas. Nesse período, ele iniciou uma terapia e recebeu o diagnóstico do transtorno bipolar, condição caracterizada por oscilações intensas de humor e comportamento.

Ele descreveu o que sente em momentos de crise: “O pensamento torna-

-se desordenado e caótico. Coisas que não tinham significado passam a ganhar sentido. Nomes, números e cores adquirem um simbolismo distorcido. Há um narcisismo na base de tudo isso, que me faz acreditar que sou o centro de todas as coisas, para o bem ou para o mal”.

Harbour contou que o investimento mais intenso na psicoterapia ocorreu apenas mais recentemente, quando o tratamento entrou de forma mais estruturada em sua rotina.

O relato ganhou repercussão por expor um tema recorrente na saúde mental e em especial porque há pessoas que convivem por anos com sintomas sem diagnóstico preciso. De acordo com o terapeuta comportamental e neurocientista do comportamento Eduardo Rocha, o transtorno bipolar costuma se manifestar ao longo da vida e nem sempre é facilmente identificado. “Muitas vezes, a pessoa não tem cons-

ciência de que apresenta a condição, o que dificulta o diagnóstico e o início do tratamento”, explica.

Rocha esclarece que a bipolaridade é marcada por ciclos de alteração de humor, que podem variar de períodos de euforia intensa (episódios de mania) a fases de estabilidade ou depressão. “Essas mudanças costumam ser abruptas e podem durar semanas ou meses, intercaladas com momentos em que a pessoa mantém uma rotina considerada normal”.

Na vida adulta, os impactos se estendem a diferentes áreas do cotidiano. Alterações no padrão de sono, alimentação desregulada e negligência com cuidados pessoais são sinais frequentes. “É comum observar períodos de alta produtividade seguidos por fases de procrastinação e queda de rendimento”, diz Rocha.

O terapeuta também aponta que a pessoa pode apresentar isolamento social e dificuldade em lidar com críticas, além de demonstrar desapego recorrente e oscilações no interesse por atividades profissionais e cotidianas.

O acompanhamento profissional contínuo é parte central do tratamento. Segundo Rocha, a associação entre medicação e terapia costuma ter melhores resultados. “Para transtornos de humor, o uso de estabilizadores de humor é frequentemente indicado, aliado a abordagens terapêuticas como a terapia cognitivo-comportamental”, explica. Em alguns casos, medicamentos antipsicóticos fazem parte do tratamento para evitar a evolução de pensamentos desorganizados.

O uso de álcool aparece como um fator que pode dificultar tanto o diagnóstico quanto o controle. “Ele agrava quadros depressivos, pode intensificar episódios de euforia e reduz a eficácia dos medicamentos”, diz Rocha. Essa e outras substâncias que alteram a percepção funcionam como gatilhos para a desestabilização do humor, prolongando períodos de crise.

Mudanças no estilo de vida fazem parte do controle a longo prazo. “Trabalhar o sono é o primeiro ponto. Depois vêm a alimentação equilibrada, a prática de atividade física e a redução de estimulantes como café e álcool”, relata. **E**



O tuco-tuco-das-dunas vive sozinho, em túneis subterrâneos. Qualquer alteração no solo pode destruir seu lar

DIVULGAÇÃO

Ele apareceu

Espécie brasileira ameaçada, o pequeno tuco-tuco-das-dunas é documentado em Imbé (RS), post viraliza e chama atenção para preservação

Carolyna Bazanini

Avistado entre as dunas da praia de Santa Terezinha, em Imbé, no litoral do Rio Grande do Sul, um pequeno roedor chamou a atenção de quem passava pelo local. Quase sempre escondido sob a areia, o tuco-tuco-das-dunas (*Ctenomys flamarioni*) é uma das espécies mais ameaçadas do país e raramente é visto fora de suas galerias subterrâneas.

O registro foi feito no dia 29 de dezembro pelo historiador Rodrigo Trespach, que observou o animal enquanto ele cavava uma de suas tocas. Endêmico do Rio Grande do Sul, o tuco-tuco-das-dunas vive exclusivamente em uma faixa de areia que vai da Barra do Chuí, no litoral sul, até Arroio Teixeira, no litoral norte, e está classificado como ameaçado de extinção na lista vermelha da União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN). “Veraneamos há anos em Imbé. Costu-

mo caminhar pela praia e registrar, com imagens e vídeos, a vida animal local. Estava passando e notei areia saltando do buraco e me aproximei para ver o que era. Estava com os filhos. Já conhecia o tuco-tuco, mas nunca tinha visto o das dunas. Foi uma surpresa”, disse.

As imagens foram compartilhadas nas redes e viralizaram. Trespach, que já escreveu 20 livros de história e que já deu entrevistas sobre esses trabalhos, adquiriu uma fama instantânea por causa do simpático animal.

Apesar da aparência que lembra as marmotas, uma espécie do hemisfério Norte, o tuco-tuco é parente próximo das capivaras, dos ratões-do-banhado e das preás, todos roedores típicos da América do Sul. O roedor alimenta-se principalmente de gramíneas e raízes, tendo um papel importante no equilíbrio do ecossistema das dunas. Existem cinco espécies no Rio Grande do

Sul – entre eles o tuco-tuco-das-dunas –, duas que habitam o Mato Grosso, e uma em Rondônia.

A presença cada vez mais rara do tuco-tuco-das-dunas está diretamente ligada à pressão humana sobre o litoral. A urbanização acelerada, a ocupação irregular das praias e o pisoteio constante da areia comprometem o habitat do animal, que vive sozinho em galerias subterrâneas.

Para tentar conter a ameaça, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) mantém há mais de 30 anos o Projeto Tuco-Tuco, dedicado ao estudo e à preservação do roedor. A iniciativa atua tanto no monitoramento científico quanto na conscientização da população que frequenta o litoral, especialmente durante o verão, período de maior ocupação das dunas.

Segundo a bióloga e doutora em ecologia Luiza Flores Gasparetto, integrante do projeto, a área onde o tuco-tuco-das-dunas vive é extremamente limitada, o que torna a espécie ainda mais vulnerável. “É um ambiente muito restrito. A região é muito ameaçada principalmente pela perda e conversão do habitat, com a ocupação irregular das dunas e das áreas de preservação permanente, impulsionada pela especulação imobiliária”, explica.

Além da urbanização, algumas práticas comuns nas praias representam riscos ao animal. O pisoteio excessivo das dunas, a instalação de cadeiras e guarda-sóis sobre a vegetação e a circulação de animais domésticos soltos podem comprometer as galerias subterrâneas onde o tuco-tuco vive. “São animais que vivem sozinhos, em túneis subterrâneos. Qualquer alteração no solo pode destruir essas estruturas”, alerta a pesquisadora.

Por isso, o projeto também investe em ações de educação ambiental e divulgação científica. Uma das estratégias é a instalação de placas informativas nas praias, além da produção de conteúdos educativos nas redes sociais, com orientações práticas para a população.

Entre as recomendações estão o uso das passarelas de acesso à praia para evitar o pisoteio das dunas, não instalar equipamentos sobre as dunas, manter animais de estimação sempre na coleira e descartar corretamente o lixo. **E**



Vittória Gabriela:
faturamento superior a
R\$ 600 mil em 2025

DIVULGAÇÃO

Mecânica entre amigas

A influenciadora Vittória Gabriela transformou o desafio de lidar com problemas em seu carro em um projeto para mulheres, o “Dona do Meu Destino”; hoje, tem parcerias com marcas como Audi e Petrobras

Carolyna Bazanini

A pesar de ter crescido entre motores na oficina da família, o setor automotivo parecia um universo distante para a goiana Vittória Gabriela. Anos depois, ela não apenas decidiu mergulhar, como desafiar a quase hegemonia masculina da área ao fundar o “Dona do Meu Destino”, iniciativa que faturou R\$ 600 mil em 2025, traduzindo, de forma acessível, as tecnicidades desse mundo às mulheres.

A virada começou aos 18 anos, quando ela decidiu trocar Goiânia pela capital federal para estudar Engenharia Aeroespacial na UnB (Universidade de Brasília). Sem a rede de apoio familiar, precisou lidar com problemas em seu carro. “Eu dirigia, mas não entendia nada. Quando acontecia qualquer coisa, eu ligava para o meu pai desesperada e ele resolvia”, relembra.

O incômodo começou a crescer ao observar as amigas, que constantemente eram vítimas de orçamentos inflacionados nas oficinas, justamente pela falta de conhecimento técnico. Com isso em mente, em 2019, enquanto participava de um projeto de Fórmula Elétrica na faculdade, Vittória sugeriu que produzissem um evento de mecânica básica para o Dia da Mulher como forma de arrecadar fundos.

A ideia foi recebida com ceticismo por seus colegas. “Diziam que as mulheres não queriam aprender e que ninguém iria”, conta. Foram 400 inscrições e 200 mulheres reunidas no Parque da Cidade, em Brasília, para aprender tarefas básicas como trocar pneus e checar o óleo.

No ano seguinte, o evento saltou para 1.600 inscritos e ficou claro que

havia uma grande demanda por conhecimento, e que a insegurança das mulheres no trânsito não seria resolvida com apenas um evento anual.

A pandemia em 2020 foi o divisor de águas do projeto. Vittória trancou a faculdade, retornou a Goiânia e se matriculou em um curso tecnólogo de mecânica. Era a única mulher em uma escola com centenas de alunos.

Enquanto trabalhava como mecânica na oficina e revendedora de sua família, ela mantinha uma página nas redes sociais, criada para compartilhar dicas básicas de cuidados, como calibragem, identificação de luzes do painel e consumo de combustível. “Não sou a militante que vai falar que temos de trocar o pneu, mas precisamos saber como. Se não, ficamos reféns; é pela nossa segurança”, diz.

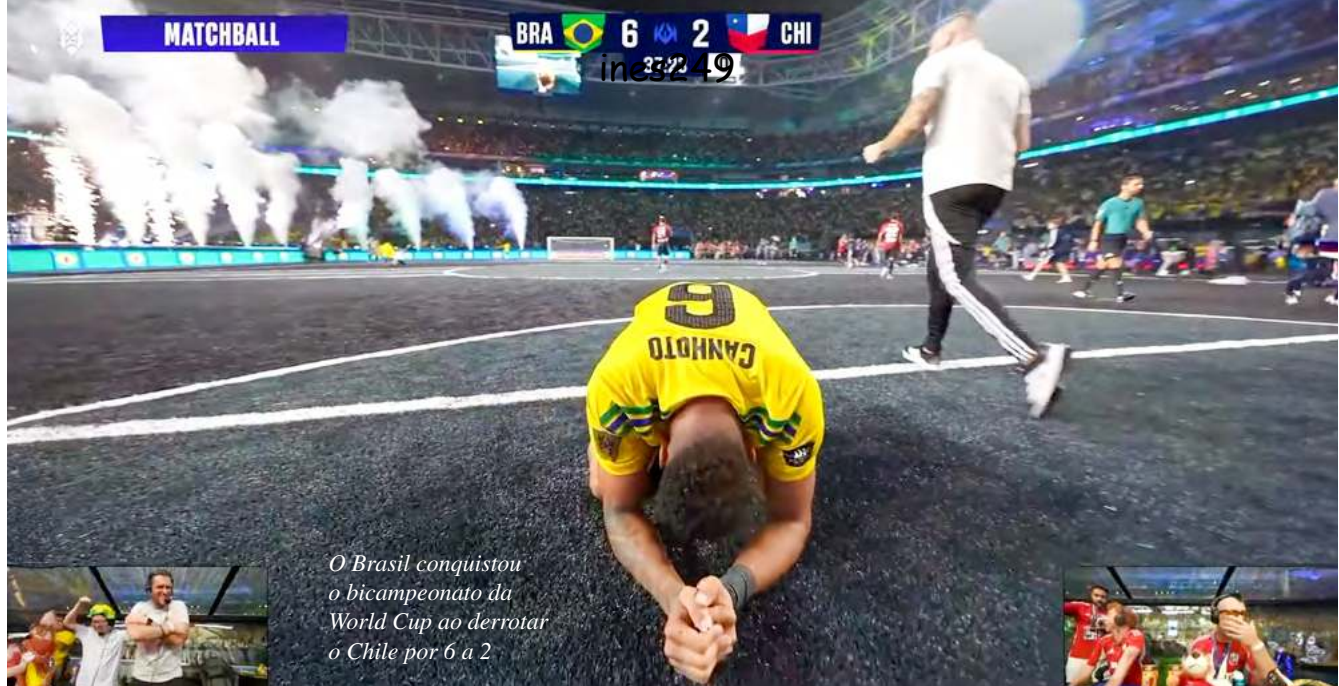
A grande explosão veio em abril de 2021 com um vídeo de Vittória trocando um pneu, que viralizou no TikTok e no Reels. Em um mês, o perfil saiu de 5 mil para 80 mil seguidores. Hoje, a comunidade ultrapassa 800 mil seguidores, com um público composto por 92% de mulheres.

A monetização começou com um curso online de mecânica básica, que rendeu R\$ 13 mil no lançamento. “Entendi que o Dona tinha de ser uma empresa e que tinha de se financiar”, reflete.

Em um país onde 36,2% dos condutores habilitados são mulheres, o Dona se tornou uma vitrine disputada por marcas como Petrobras, Audi, Nissan e Hyundai. Em 2025, o faturamento passou de R\$ 600 mil, derivado principalmente dessas parcerias.

Entre os planos está o lançamento de um aplicativo de gestão e manutenção dos veículos, previsto para o próximo mês, com interface inspirada nos aplicativos de ciclo menstrual – e que estampa no Instagram a mensagem: “sua amiga que entende de carros”. Ela detalha como irá funcionar: “O aplicativo vai funcionar como o controle do ciclo: você cadastra a manutenção e ele te avisa o que precisa ser revisado, explicando o porquê”.

Além do aplicativo, Vittória prepara um livro para setembro, com conceitos básicos, e tem o objetivo de abrir uma oficina mecânica voltada exclusivamente para mulheres. **E**



O Brasil conquistou o bicampeonato da World Cup ao derrotar o Chile por 6 a 2

REPRODUÇÃO

Futebol gamificado: a era da Kings League

Entre cartas secretas, estrelas e streaming, a liga redefine o jogo

Ivan Gomes

A Kings League tem ganhado cada vez mais destaque no Brasil, consolidando-se como um fenômeno de entretenimento, e também de modelo de negócio. Idealizada pelo ex-jogador Gerard Piqué, ídolo do Barcelona, e pelo streamer espanhol Ibai Llanos, a liga apresenta um novo estilo de futebol que preza pela agilidade, imprevisibilidade e interatividade digital, ganhando força avassaladora no cenário mundial.

A visão de Piqué era clara: preencher o vazio deixado pelo ritmo, por vezes lento, do futebol tradicional. O ex-zagueiro buscou criar um espetáculo gamificado capaz de dominar plataformas como Twitch, YouTube e TikTok. Lançada em 2023 pela empresa Kosmos, a modalidade de futebol 7 (society) teve sucesso imediato, lotando estádios como o Camp Nou e o Wanda Metropolitano, casas do Barcelona e do Atlético de Madrid, respectivamente. Em 2024/2025, o projeto expandiu-se glo-

balmente, fincando raízes profundas nas Américas e, especialmente, no Brasil.

A presença massiva do público brasileiro no esporte atingiu o ápice na mais recente Kings World Cup. Na noite do sábado, 17, o Brasil conquistou o bicampeonato ao derrotar o Chile por 6 a 2. O evento reuniu 41.316 pessoas no Allianz Parque, ficando a apenas 141 torcedores de quebrar o recorde histórico de público do estádio. O dado confirma: a Kings League não é apenas uma tendência passageira, mas um modelo que veio para ficar.

E como funciona esse modelo? O estilo de jogo é marcado pelo dinamismo: dois tempos de 20 minutos com regras disruptivas.

O início da partida, por exemplo, é escalonado: começa com um duelo 1x1 e, a cada minuto, um novo jogador entra em campo até que as equipes de 7 integrantes estejam completas aos 5 minutos iniciais.

O grande diferencial são as “Cartas Secretas”. Antes do apito inicial, os técnicos sorteiam cartas aleatórias que podem ser ativadas a qualquer momento (exceto nos minutos finais). Eles não sabem qual carta o adversário possui até que ela seja ativada. Entre os poderes estão: pênalti instantâneo ou shootout, exclusão de um rival por 2 minutos, gols com valor dobrado ou triplicado, carta roubo (anula e reverte o benefício do adversário) e carta coringa (permite escolher qualquer vantagem no ato da ativação).

Estrelas e Influência

A conexão com o público jovem é potencializada pela presença de celebridades e influenciadores. A formação das equipes é simples: 10 jogadores de cada elenco vêm de um processo de draft (seletivas de amadores e semi-profissionais), e mais três componentes chegam por meio do “Wildcards”, sendo eles convidados de prestígio, normalmente ex-jogadores. Lendas como Ronaldinho Gaúcho, Zé Roberto, Falcão e estrelas internacionais como Totti, Rio Ferdinand, Ibrahimovic, Pirlo, Hazard, entre outros, já marcaram presença.

Ainda, cada time possui um Presidente, geralmente um astro da internet, futebol ou da música. No Brasil, nomes como Neymar, Gaules, Ludmilla e MC Hariel lideram clubes. Um dos momentos mais icônicos é o “Pênalti do Presidente”, onde o dirigente desce da arquibancada para cobrar uma penalidade real, cujo gol soma no placar oficial. **E**

Do bistrô ao izakaya

Saiba como identificar diferentes estilos de restaurante, seja de origem francesa, italiana ou japonesa, e entenda a cultura por trás de cada tipo

André Ruoco

Cantina, trattoria, bistrô. Cada palavra desperta uma imagem diferente na cabeça de quem gosta de comer bem. É como se o simples nome do restaurante já fosse capaz de contar uma história: a mesa farta e barulhenta de uma cantina italiana, a atmosfera intimista de um bistrô francês ou a descontração animada de um izakaya japonês. Esses lugares não são apenas pontos de refeição, mas expressões culturais que traduzem modos de viver e de compartilhar a comida.

Viajar entre esses diferentes estilos é também percorrer tradições à mesa que ultrapassam fronteiras. Do Oriente Médio aos Estados Unidos, passando pelo Japão, cada formato revela muito sobre a relação de um povo com seus sabores — seja na informalidade acolhedora, no ritual da boa bebida acompanhada de petiscos ou na sofisticação de pratos elaborados para serem apreciados com calma. Afinal, conhecer e entender esses espaços é também compreender a alma da gastronomia em cada canto do mundo.

Japoneses

Quem disse que no Japão não tem boteco? O izakaya é um bar ou boteco japonês informal, que originalmente era o ponto de encontro para tomar sakê, como indica a própria origem do nome: “izakaya” é uma composição de “i” (sentar) e “sakaya” (loja de sakê).

De acordo com a gastrônoma Mariana Chen, do Kaifu Asian Cuisine, em São Paulo, no princípio os comerciantes visitavam os produtores de sakê para provar a bebida e definir a qualidade antes da compra. Então, os fabricantes preparavam e serviam “beliscos” para acompanhar a bebida.

Hoje, os izakayas se tornaram bares tradicionais para socializar e desfrutar de bons petiscos e bebericos em um ambiente descontraído e, ainda assim, acolhedor. Mas há outros tipos comuns de restaurantes japoneses. “Todo estabelecimento de comida termina com o sufixo ‘ya’, que identifica o tipo de produto que o local é especialista”, explica ela.

Por exemplo, o sushi-ya se refere a um local especializado em sushi. Essa

Manduque Massas e Maças oferece gastronomia italiana



TADEU BRUNELLI/TEFOTO

categoria de restaurante até pode vender outras preparações — como tempurá e sopa —, porém é uma casa especializada em sushi. Seguindo essa lógica, existem os ramen-ya (especializados em ramen), tempura-ya (focados em tempurá), tonkatsu-ya (servem tonkatsu, como o lombo de porco empanado na farinha panko e frito), entre outros.

Italianos

Quem nunca se perguntou qual a diferença entre trattoria, cantina, osteria e ristorante? São tantos nomes, que até acabam confundindo. A chef Mariane Adania, do Manduque Massas e Maças, conta que a osteria é um estabelecimento muito tradicional que serve vinhos e comidas mais simples. “As osterias são mais informais, onde as pessoas se encontram para beber e comer alguns aperitivos.”

O conceito de trattoria não se distancia muito, porém as osterias carregam uma atmosfera mais rústica e descontraída, pois eram mais frequentadas pelos viajantes. As trattorias, muitas vezes geridas por famílias, já trazem um ar um pouco mais casual e servem receitas mais tradicionais.

Para datas especiais, a categoria mais comum é a de ristorante, que busca ser mais formal. “Os restaurantes geralmente têm serviço à la carte, pratos

Kaifu Asian Cuisine é uma opção para conhecer mais da culinária asiática em São Paulo



MAGNO REIS

Estilo de vida

elaborados e uma carta de vinhos extensa”, afirma Denis Orsi, chef do Marrena Cucina.

As cantinas, por outro lado, muitas vezes eram subterrâneas, originalmente feitas para armazenar barris de vinhos e mantimentos e algumas serviam comida. Já no Brasil, o termo refere-se a um restaurante de ambiente informal, comida farta, mesas grandes e pratos para compartilhar. “São lugares acolhedores, muitas vezes com clima festivo”, conta Denis.

Existem ainda outros formatos, como a enoteca – voltada para o vinho –, mas que serve pratos clássicos. Há ainda a taverna, de caráter mais rústico e popular. “No fim, todos eles representam a riqueza da cultura italiana à mesa, cada um à sua maneira”, complementa o chef.

Árabes

A culinária árabe no Brasil tem se diversificado nos últimos anos, com restaurantes especializados em rodízios e buffets. Mais recentemente, o conceito de kebab e shawarma também se difundiu por aqui. Comumente servido em lanchonetes árabes especializadas (kebab shop) – uma espécie de fast food –, o kebab e o shawarma também são encontrados em restaurantes mais tradicionais.

Segundo Bruno Sabbag, proprietário do restaurante Sabah, hoje existem boas kebaberias na capital paulista. “Elas oferecem um serviço mais rápido e prático aos clientes”, afirma. Por outro lado, os restaurantes mais tradicionais oferecem um ambiente mais



Brasseries, como o ICI, têm menu extenso, com predomínio de pratos clássicos franceses

acolhedor, para amigos e familiares. Há ainda as Mezze Houses, casas especializadas em servir entradas – as mezzes –, com um cardápio de pastas, pães e bebidas típicas, como se fosse uma happy hour. “Os convidados degustam essas iguarias, batendo muito papo e bebendo”, explica.

Franceses

A França não fica atrás na variedade de tipos de restaurantes. As brasseries, por exemplo, são grandes casas com menu extenso, onde predominam pratos clássicos franceses e são focados em bebidas alcoólicas, especialmente as cervejas. Com clima mais descontraído, são mais informais e oferecem um serviço mais rápido.

Por outro lado, os bistrôs costumam ser restaurantes menores e acolhedores.

“Os bistrôs focam em comidas simples, quase caseiras”, afirma o chef Benny Novak da ICI Brasserie. Segundo ele, esse tipo de estabelecimento normalmente tem preços mais acessíveis.

Além das brasseries e dos bistrôs, o chef cita ainda outro tipo de estabelecimento comum na França: o café. Como o próprio nome sugere, os cafés por lá têm a proposta de servir a bebida, mas também podem oferecer pães, lanches e refeições mais leves, em um ambiente mais informal.

Norte-americanos

A gastronomia dos Estados Unidos é resultado de ondas de imigração e da herança cultural indígena e africana. Há, por exemplo, as steakhouses, nascidas na Inglaterra e que são casas dedicadas aos cortes nobres preparados na brasa.

Já as delicatessens, ou simplesmente “delis”, trazem uma proposta híbrida: parte empório, parte lanchonete. Elas nasceram da tradição judaico-europeia e ganharam fama com seus sanduíches fartos de pastrami, roast beef, queijos e pães artesanais, além de prateleiras recheadas de produtos para levar para casa.

Outro tipo comum de restaurante são os diners. Eles são um ícone da cultura americana com seus ambientes descomplicados, muitas vezes abertos 24 horas, que servem de tudo um pouco: hambúrgueres, panquecas, milk-shakes e tortas caseiras. Tudo com um ar retrô dos anos 1950. **E**

Novos restaurantes árabes estão surgindo no país. Há casas especializadas em rodízios



Cinco!

O Brasil conquista quatro indicações no Oscar 2026 para "O Agente Secreto" e mais uma para o paulista Adolpho Veloso, diretor de fotografia de "Sonhos de Trem"

Melhor Filme

- "O Agente Secreto"
- "Bugonia"
- "F1: O Filme"
- "Frankenstein"
- "Hamnet: A vida Antes de Hamlet"
- "Marty Supreme"
- "Uma Batalha Após a Outra"
- "Valor Sentimental"
- "Pecadores"
- "Sonhos de Trem"

Melhor ator

- Wagner Moura - "O Agente Secreto"
- Timothée Chalamet - "Marty Supreme"
- Leonardo DiCaprio - "Uma Batalha Após a Outra"
- Michael B. Jordan - "Pecadores"
- Ethan Hawke - "Blue Moon"



Wagner Moura faz história: é a primeira vez que um brasileiro concorre ao Oscar de Melhor Ator

indicações, novo recorde da premiação – antes, os campeões eram "A Malvada", "Titanic" e "Lalaland", todos empatados com 14.

No caso da performance brasileira no Oscar, o filme de Kleber Mendonça Filho iguala o feito de "Cidade de Deus", de Fernando Meirelles, em 2004. Naquele ano, o longa foi indicado para Melhor Direção, Melhor Roteiro Adaptado, Melhor Edição e Melhor Filme Internacional. No ano passado, o país conquistou seu primeiro Oscar, em Melhor Filme Internacional com "Ainda Estou Aqui", de Walter Salles Jr. A produção obteve indicação também para Melhor Filme e Melhor Atriz, para Fernanda Torres.

"O Agente Secreto" enfrentará na competição de melhor produção estrangeira "Valor sentimental" (Noruega), "Foi Apenas um Acidente" (França), "A voz de Hind Rajab" (Marrocos) e "Sirât" (Espanha).

O Oscar 2026 tem uma categoria estreante, que é a de elenco. Nesse caso, "O Agente Secreto" disputa o prêmio com "Uma Batalha Após a Outra", "Pecadores", "Marty Supreme" e "Hamnet: A vida antes de Hamlet".

Uma das mais cobiçadas estatuetas do Oscar é a de Melhor Ator – e pela primeira vez o Brasil tem um representante na disputa. Wagner Moura confirma o que vinha sendo comentado na mídia especializada dos Estados Unidos. E o grande prêmio da mais famosa festa do cinema reúne 10 candidatos. Será uma batalha desafiadora para "O Agente Secreto". **E**

BLANCA CRUZ/APP

O cinema nacional alcançou um feito inédito no Oscar 2026. Pela primeira vez, o Brasil soma cinco indicações em uma mesma edição da premiação, marcando uma presença recorde entre as principais categorias do maior evento do cinema mundial. "O Agente Secreto" tem quatro chances de conquistar a estatueta, entre elas a de Melhor Ator para Wagner Moura. Outra oportunidade está com o paulista Adolpho Veloso, pela fotografia de

"Sonhos de Trem". A Academia de Artes e Ciências Cinematográficas revelou os indicados à 98ª edição do Oscar na quinta-feira, 22. A cerimônia que anunciará os vencedores será no dia 15 de março, em Los Angeles (EUA).

Dirigido por Kleber Mendonça, "O Agente Secreto" competirá nas seguintes categorias: Melhor Filme, Melhor Filme Internacional, Melhor Ator e Melhor Direção de Elenco. "Pecadores", de Ryan Coogler, lidera com 16

Rouanet e o ruído ao redor

Sucesso de “O Agente Secreto” traz de volta a discussão – e a confusão – sobre a aplicação da lei, que captou R\$ 3,4 bi para projetos culturais em 2025

Matheus Almeida

O sucesso de “O Agente Secreto”, do diretor Kleber Mendonça Filho, trouxe de volta às redes sociais questionamentos em torno da Lei Rouanet, um tema que virou disputa política. Muitos têm disparado críticas à produção por supor que o filme utiliza recursos da lei, o que não é verdade. Longas-metragens não podem ser realizados com dinheiro da Rouanet desde o ano de 2006. De acordo com as regras, apenas produções de curta e média duração estão aptas a captar recursos via esse modelo de incentivo.

O barulho levou até mesmo Mendonça a se manifestar a respeito nas redes no domingo 18. Ele escreveu que nunca realizou um filme por meio desse mecanismo, “mas adoraria”. Em seguida, afirmou que a Rouanet é um instrumento importante para fomentar a cultura no país.

De fato. Uma pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e divulgada recentemente mostra que, para cada R\$ 1 gasto na execução dos projetos atendidos pela lei, cerca de R\$ 7,59 são movimentados na economia. O estudo resultou de uma parceria da universidade com o Ministério da Cultura (MinC) e a Organização dos Estados Ibero-Americanos (OEI).

Os dados referem-se ao ano de 2024, quando o valor captado por meio da lei chegou à marca histórica de R\$ 3 bi, número que representou ainda o primeiro crescimento real no total captado desde 2011. Ao todo, foram movimentados R\$ 25,7 bilhões no ano, sendo R\$ 12,6 bi de forma direta e R\$ 13,1 bi de forma indireta. Gastos realizados pelo público chegaram a R\$ 26,8 bi. Uma versão anterior da pesquisa foi realizada em 2018. Na ocasião, o resultado foi de R\$ 1,59

movimentado na economia para cada R\$ 1 gasto na execução dos projetos.

Em 2025, o valor captado aumentou, chegando a R\$ 3,4 bilhões. O resultado bateu o recorde anterior, justamente o de 2024. Com isso, o terceiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva consolida um crescimento contínuo nos valores captados ao longo dos três primeiros anos de governo. Em 2022, último ano da presidência de Jair Bolsonaro, o valor acumulado pelos projetos foi de R\$ 2,1 bilhões.

Na análise da FGV, ficou clara a ampliação de propostas atendidas pela Rouanet. O número de iniciativas realizadas com apoio da lei passou de cerca de 5,3 mil em 2018 para quase 14 mil em 2024, uma alta de 164%.

Outra curiosidade destacada pelo estudo da FGV é que 85,47% dos fornecedores e prestadores de serviço envolvidos nos projetos são micro e pequenas empresas. Como a maioria dos projetos tem valor inferior a R\$ 1 milhão, a Rouanet se consolida assim como um mecanismo para financiamento sobretudo de projetos culturais pequenos.

Mas, afinal, o que é a Lei Rouanet?

A Lei Federal de Incentivo à Cultura nº 8.313/1991 recebeu seu apelido devido ao nome do seu proponente, o secretário da Cultura do governo de Fernando Collor de Mello: Sérgio Paulo Rouanet. Com sua promulgação, estabeleceu-se o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac).

Originalmente, o Pronac previa três iniciativas diferentes. Uma delas é o Fundo Nacional de Cultura (FNC), que financia sobretudo órgãos ligados ao MinC e às autoridades estaduais e municipais. Em 2024, teve orçamento de R\$ 2,01 bilhões, o equivalente a cerca de 0,02% dos gastos públicos. Outra iniciativa são os Fundos de Investimento Cultural e Artístico (Ficart), produtos de investimentos regulados pela CVM (Comissão de Valores Mobiliários) e administrados por iniciativas privadas para investimento em pro-



REPRODUÇÃO DO INSTAGRAM

Mendonça-Filho disse que nunca teve apoio da Rouanet; ele defende a importância da lei



O Instituto Inhotim está no topo do ranking de projetos beneficiados pela renúncia fiscal. Arrecadou R\$ 41,5 milhões

EDUARDO FRANÇA/UNISPLASH

Como funciona a renúncia fiscal

A Lei Rouanet refere-se à Lei Federal nº 8.313/1991, que instituiu no começo dos anos 1990 o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac). Apesar de contar com três iniciativas diferentes de apoio à cultura, o programa ficou famoso pela vertente de incentivo a projetos culturais via renúncia fiscal.

Interessados em financiar um projeto cultural devem apresentar sua proposta ao Ministério da Cultura, com uma série de documentos que incluem orçamentos, avaliação de abrangência e impacto, cronograma, entre outros. As propostas passam por duas análises.

A primeira é técnica e verifica a adequação formal do projeto, a compatibilidade orçamentária, a viabilidade técnica, o enquadramento legal e o atendimento às diretrizes da política cultural. Já a segunda avalia o mérito cultural, a relevância artística, o impacto sociocultural, entre outros objetivos.

Os proponentes que têm seus projetos aprovados devem, então, buscar recursos de patrocínio diretamente com a iniciativa privada. As empresas e pessoas que toparem financiar as iniciativas terão o direito a abater os valores investidos do seu Imposto de Renda. A “renúncia fiscal” caracteriza-se, assim, pela decisão do Estado de deixar de receber parte dos tributos devidos por pessoas físicas e jurídicas, como forma de ampliar os recursos voltados à cultura.

postas culturais. O terceiro mecanismo é o incentivo tendo como base a possibilidade de renúncia fiscal de parte do Imposto de Renda de pessoas jurídicas e físicas com a condição de destinação do valor para um projeto cultural aprovado pelo Pronac.

Segundo a advogada Daniela Poli Vlavianos, sócia do Poli Advogados e Associados, o FNC “está formalmente ativo, mas historicamente subfinanciado”. Já os Ficarts “praticamente não se consolidaram na prática, por falta de regulamentação efetiva e atratividade econômica”. Assim, ao se tratar de Lei Rouanet, a iniciativa de maior peso é realmente o programa de incentivo a projetos culturais via renúncia fiscal.

Era, preciso, porém criar outra forma de impulsionar o cinema. “O audiovisual tem artistas com muito peso. Ele acabava concorrendo bastante com os projetos de teatro, de dança, biblioteca”, recorda a produtora Luciana Tondo, sócio-proprietária da Amora Produções Culturais. A solução foi criar mecanismos próprios para financiamento dos filmes de longa-metragem, caso do Fundo Setorial do Audiovisual (FSA) e outras políticas públicas específicas mantidas pela Ancine (Agência Nacional do Cinema).

Financiamento e bilheteria de “O Agente Secreto”

No caso do filme de Kleber Mendonça e estrelado por Wagner Moura, o financiamento veio do FSA. O projeto recebeu R\$ 7,5 milhões por meio da Chamada Pública Produção Cinema

via Distribuidora 2023, com aprovação em fevereiro de 2024.

Havia ainda a possibilidade de um aporte adicional de R\$ 4 milhões destinado à distribuição do filme em território nacional, conforme previsto pelo FSA. No entanto, os produtores optaram por não utilizar esse recurso.

Com orçamento total de R\$ 27.165.775, o longa contou com aproximadamente R\$ 5,5 milhões provenientes da iniciativa privada brasileira. O restante foi viabilizado por incentivos internacionais, atingindo cerca de R\$ 14 milhões, com recursos oriundos da França, Alemanha e Holanda.

Até o momento, segundo dados do Box Office Mojo (que indica as bilheterias da indústria global de cinema), o longa arrecadou US\$ 5,7 milhões no mundo (aproximadamente R\$ 30,8 milhões). Mas esse montante não contabiliza o amealhado nas salas brasileiras. De acordo com a Ancine, o arrecadado no país chega a R\$ 25,6 milhões. Com a soma desses resultados, “O Agente Secreto” chega a R\$ 56,4 milhões.

Que tipo de projeto pode receber recursos da Lei Rouanet?

A lista de iniciativas culturais aptas a pleitear recursos de renúncia fiscal por meio do Pronac abrange praticamente todas as expressões artísticas, com exceções das longas de ficção e dos shows de artistas musicais de expressão nacional. Tais categorias ficaram de fora exatamente para evitar a concentração de recursos.

Grande parte dos projetos culturais apoiados pela Rouanet no ano passado estão ligados à manutenção de espaços culturais físicos. Maior museu a céu aberto do mundo, o Instituto Inhotim, em Brumadinho (MG), aparece no topo do ranking, com R\$ 41,5 milhões arrecadados.

Entre os projetos que mais captaram recursos por meio da lei também aparecem propostas que se dedicam à manutenção de iniciativas culturais de longa duração, como a Orquestra Petrobras Sinfônica, que captou R\$ 32 milhões para seu financiamento ao longo de um período de dois anos. Já a Fundação Bienal de São Paulo reuniu R\$ 30 milhões para investimentos em um ciclo que vai de 2024 a 2027. **E**



*Sarah Snook e
Jake Lacy fazem os
pais de um menino
que desapareceu*

Série escancara a sobrecarga mental materna

“All Her Fault” expõe um fenômeno cotidiano vivido por milhões de mulheres: a responsabilidade invisível e contínua pelo cuidado dos filhos

Thais Fonseca

No segundo episódio da minissérie “All Her Fault”, que entrou no catálogo do Amazon Prime neste mês, há uma cena cotidiana, mas que revela uma dinâmica profundamente enraizada na sociedade contemporânea. Durante o interrogatório de um casal, Marissa e Peter Irvine, sobre a rotina e os hábitos do filho, ambos os pais estão presentes. No entanto, quem responde à maioria das perguntas é a mãe, vivida por Sarah Snook – famosa na série “Succession”. O pai, papel de Jake Lacy, permanece em silêncio,

observando, como se aquelas informações — e, por extensão, o cuidado com a criança — não lhe competissem. A sequência funciona como um espelho desconfortável da realidade: a chamada carga mental materna.

Segundo a educadora Priscilla Montes, especialista em neuroeducação e desenvolvimento infantil, o conceito de carga mental refere-se ao trabalho invisível de planejamento, organização, antecipação de necessidades e tomada constante de decisões relacionadas à vida doméstica e ao cuidado com os filhos.

Diferentemente das tarefas práticas, como levar a criança à escola ou preparar uma refeição, essa carga não se encerra em um horário específico. Ela se mantém ativa, ocupando pensamentos, emoções e energia mental de forma contínua. E, na maioria das famílias, recai quase integralmente sobre as mulheres.

“O que a cena de ‘All Her Fault’ escancara é algo profundamente comum: mesmo quando pai e mãe estão presentes, espera-se que a mulher saiba tudo. Isso não é instinto, é condicionamento social. A sociedade ensinou as mães a



SARAH ENTICKNA/PEACOCK

A minissérie rapidamente se tornou favorita nos EUA; ela se baseia em um caso real

carregar tudo na cabeça e chamou isso de amor”, explica a educadora.

De acordo com Priscilla, a carga mental materna não nasce com a maternidade, ela é construída socialmente. Desde cedo, mulheres são treinadas para antecipar, organizar e cuidar, enquanto os homens são socializados para executar quando solicitados. Esse desequilíbrio se naturaliza dentro das famílias porque o cuidado feminino é tratado como obrigação invisível, e não como um trabalho que exige energia cognitiva, emocional e tomada constante de decisões.

Ao contrário do senso comum, as mães não são “naturalmente” mais atentas, organizadas ou cuidadosas, ressalta Priscilla. Essa percepção é fruto de um condicionamento social que, desde cedo, atribui às mulheres a responsabilidade quase exclusiva pelo bem-estar físico, emocional e social dos filhos. Cabe a elas lembrar das vacinas, organizar a rotina escolar, acompanhar o desempenho acadêmico, marcar consultas médicas, antecipar crises emocionais, gerenciar horários, conli-

tos e expectativas. O cuidado feminino é tratado como obrigação implícita, enquanto a participação paterna, muitas vezes, é vista como apoio, ajuda ou gesto voluntário.

“Corresponsabilidade parental não é ‘ajudar’. É compartilhar o trabalho invisível: pensar, decidir, antecipar e sustentar emocionalmente a rotina da criança. Estar presente não é suficiente quando o planejamento da vida dos filhos continua concentrado em uma única pessoa. Pais precisam deixar de ser apenas participantes pontuais e se tornar corresponsáveis contínuos. Isso exige uma mudança cultural profunda, que começa dentro de casa, mas precisa ser sustentada socialmente. Cuidado não é apoio eventual. Cuidado é responsabilidade compartilhada”, afirma.

A especialista aponta que o fenômeno não afeta apenas as mulheres: o desenvolvimento infantil também sofre quando o cuidado se concentra em uma única figura, reforçando modelos de dependência e limitando vínculos mais equilibrados com ambos os responsáveis. Na prática, a carga mental materna

cria um cenário em que a presença do pai pode ser constante, mas não necessariamente corresponsável. Ele está ali, como na cena da série, mas não carrega o mesmo nível de envolvimento cognitivo e emocional. Isso reforça padrões culturais que associam o cuidado ao feminino e a provisão ou autoridade ao masculino, perpetuando desigualdades dentro do ambiente familiar. **E**

Sucesso e debate

Lançada nos Estados Unidos em novembro passado em oito episódios, “All Her Fault” rapidamente subiu entre as produções preferidas do streaming no país. Um sinal de seu sucesso foram as indicações para duas premiações neste ano, Globo de Ouro e Critics Choice Awards. Popularizada como a personagem Shiv Roy, filha do magnata da mídia Logan Roy (Brian Cox), em “Succession” (HBO), Sarah Snook voltou a conquistar a crítica com sua interpretação de uma mãe desesperada em busca do filho desaparecido. Ela recebeu o prêmio de Melhor Atriz em Minissérie no Critics Choice.

“All Her Fault” traz a história da família Irvine, que vive em um bairro aparentemente tranquilo. Marissa (Sarah Snook) vai buscar o filho Milo em uma casa onde os pais da vizinhança teriam combinado um encontro para as crianças brincarem. Chegando ao endereço, ela se depara com uma desconhecida e aí seu pesadelo começa. Onde está seu filho?

Ao trazer a dinâmica de uma família em tormento, a minissérie “All Her Fault” amplia o debate sobre papéis de gênero e parentalidade, convidando o público a refletir sobre o que ainda é naturalizado nas relações familiares. A corresponsabilidade parental não se limita à divisão de tarefas visíveis, mas exige o compartilhamento real das decisões, preocupações e do trabalho mental que sustenta o cuidado cotidiano. Mais do que um retrato ficcional, a produção lança luz sobre uma realidade silenciosa vivida por milhões de mulheres.

O Ilú Obá surgiu com 30 integrantes. Hoje, são 420 mulheres negras



Tradição e resistência nagô

Bloco Ilú Obá de Min, que abre o Carnaval de rua de São Paulo, reverencia a história e o legado de uma sacerdotisa que chegou ao Brasil em 1870 e fundou um dos terreiros mais antigos do país

Lena Castellón

As vozes e os tambores do bloco afro Ilú Obá de Min vão voltar a soar na abertura oficial do Carnaval de rua de São Paulo. Formado há 21 anos, o grupo levará para o centro da capital paulista uma Ópera Negra com um enredo dedicado a uma sacerdotisa africana, Ifatinuké, que chegou ao Brasil em 1870 e que abriu, no Recife, em Pernambuco, o Terreiro Iemanjá Ogunté Obaomin, casa matriz do culto iorubá (ou nagô) no Estado. Chamada também de Tia Inês, Ifatinuké é símbolo de resistência e do protagonismo feminino na constituição da religiosidade afro-brasileira.

O Ilú Obá, que nasceu como bloco de mulheres negras e hoje é uma instituição sem fins lucrativos com foco em educação, cultura e arte, tem o compromisso de recontar histórias e de conquistar espaços, como diz uma de suas fundadoras, a percussionista Elisabeth Belisario, a mestre Beth Beli. A temática deste ano para o Carnaval paulistano visa destacar uma figura histórica e mostrar como as casas de candomblé, hoje espalhadas pelo Brasil, serviram como territórios de resistência e expansão da cultura iorubá.

Quando surgiu, o Ilú Obá de Min – que quer dizer, em uma licença poética

em iorubá, “mãos femininas que tocam tambor para o rei Xangô” – reunia 30 mulheres. Atualmente, elas são 420. Só são admitidas mulheres negras para tocar no bloco. Em seu cortejo, há grupos de dança e de pernaltas (pessoas que andam sobre pernas de pau) e, nesse caso, são admitidos homens. Fora isso, reina o feminino em absoluto.

Na abertura do Carnaval paulistano, na sexta-feira, 13, na Praça da República (no centro velho da cidade), às 20h, elas levarão para a população o enredo “Ifatinuké – Iyá-Olobá do Axé Transatlântico”. A sacerdotisa veio ao Brasil vindo de Oyó, um dos mais poderoso



Os ensaios do bloco, que não tem sede, são feitos em espaços públicos.

LENA CASTELLÓN

sos reinos da atual Nigéria. Pertencia ao povo Egbá, fundador da cidade de Abeokuta. Africana liberta, ela chegou ao país por Salvador, mas seguiu para Recife. Em terras brasileiras, ficou conhecida como Inês Joaquina da Costa. Dois anos depois do desembarque, fundou o Terreiro Iemanjá Ogunté Obao-min, dedicado à soberana das águas.

Ifatinuké se tornou uma liderança religiosa, política e comunitária. Guardiã do culto aos ancestrais, deixou um legado de axé, fortalecendo a centralidade do matriarcado nagô. A sacerdotisa morreu em 1919 e o terreiro que fundou é conhecido atualmente como Sítio do Pai Adão. Tem 150 anos de existência, sendo um dos mais antigos em atividade no Brasil.

Em busca de uma sede

O primeiro ensaio do ano do Ilú Obá aconteceu no domingo, 18, no Museu Afro Brasil Emanuel Araújo, no parque Ibirapuera. Serão mais sete até a grande noite, quando as mulheres

do Ilú Obá vão espalhar seu canto e sua música. O enredo deste ano vem sendo trabalhado há seis meses, sob direção artística de Mafalda Pequeno e direção musical da mestra Beth Beli. Os cantos são liderados por Nega Duda, outra fundadora, junto com Adriana Aragão e Girlei Miranda.

Os ensaios são realizados em espaços públicos. Isso porque, apesar de seu trabalho ser conhecido inclusive fora do Brasil, o Ilú Obá de Min ainda não tem uma sede. E esse é um de seus maiores desafios – para este ano, a instituição fez uma convocatória nas redes pedindo indicações ou cessões de espaços para os encontros da entidade – afinal, o Carnaval é apenas uma das atividades do Ilú Obá.

A batalha pela sede é antiga. A instituição depende de parcerias, como a do Museu Afro Brasil e o Museu da Energia, e de patrocínios. Vale dizer que também no domingo 18, o bloco fez uma apresentação na Casa Natura Musical.

“O Ilú já teve muitas conquistas. Tivemos de adentrar lugares políticos e hoje há um projeto parado na Casa Civil”, conta Beth. Dar esse passo será fundamental para que a instituição possa avançar em seus projetos. Dirigido hoje por 23 mulheres, o Ilú Obá de Min estabeleceu mais um pilar em suas atividades: saúde. “Mulheres negras cuidam de mulheres negras”, pontua Mafalda.

Os dias de Carnaval, porém, representam o ponto alto do calendário da instituição. É quando os olhos do público atentos. E nesse momento é possível levar informação para o público. “A gente trabalha com educação antirracista. Ocupamos um lugar de violência com conteúdo que fala do apagamento”, diz a diretora artística.

O cortejo

A Ópera Negra Obao-min – A Soberania de Yemanjá Ogunté poderá ser vista na abertura do Carnaval, na Praça da República, e também no domingo, 15, em uma matinê em frente à Cia Livre (coletivo teatral instalado na rua Conselheiro Brotero, 195, na Barra Funda). O cortejo é formado por 99 agogôs, 58 xequerês, 71 djembês e 91 alfaías, sob a regência das mestras Beth Beli, Girlei Miranda e Adriana Aragão. O bloco conta ainda com 37 dançantes do Ayê, 15 pernaltas do Orun e 12 vozes. A harmonia é cuidada por 44 integrantes, garantindo o movimento coletivo do bloco.

O abre-alas “As Mantenedoras do Axé” trará como convidadas mães de santo, yalodês, lideranças quilombolas e irmandades. “Nós vamos falar da história dessas mulheres que estiveram à frente da luta das aberturas das casas de candomblé e que firmaram o matriarcado africano. Ifatinuké ressignificou essa organização matriarcal africana em terras brasileiras que é o que nos mantém vivas, que é o que mantém a sociedade afro-brasileira em pé”, destaca Mafalda.

Pelo terceiro ano consecutivo, o Coletivo Coletores irá apresentar uma variedade de linguagens visuais e tecnológicas durante o cortejo, com projeções em diálogo com a Sirius Drones, responsável pela cobertura aérea e transmissão do desfile. **E**

Filmes e séries

Rumo ao Oscar

Para quem quiser fazer um check-list dos filmes do Oscar 2026, há uma estreia na semana: "Marty Supreme"

FOTOS DIVULGAÇÃO

Em cartaz no cinema

"Marty Supreme"

Timothée Chalamet interpreta um jovem de Nova York nos anos 1950, que era viciado em apostas, mas vira ícone do tênis de mesa, conquistando um título aos 67 anos. A história é baseada em um caso real. Chalamet está indicado ao Oscar de Melhor Ator. E o longa vai disputar Melhor Filme.

"A Única Saída"

Após trabalhar 25 anos em uma empresa de papel, um homem é demitido. Sem emprego e desesperado, ele descobre uma forma de conseguir uma vaga em um processo seletivo: eliminar fisicamente os outros candidatos. A direção é de Park Chan-wook, o mesmo de "Parasita", um grande campeão no Oscar 2020.

"Hey, Joe"

A trama acompanha um veterano norte-americano (James Franco) que teve uma relação com uma jovem napolitana na Segunda Guerra Mundial. Ele retorna à Itália no início dos anos 1970 e conhece seu filho, mas este já está crescido e vive na criminalidade.

"Me Ame com Ternura"

Clémence, vivida por Vicky Krieps, conta ao ex-marido que está se apaixonando por mulheres, e ele, em retaliação, toma a guarda do filho. A situação a força a lutar por sua liberdade e pela maternidade.

Destaques do streaming

"Mel Brooks: O Homem de 99 Anos - Parte 1 e 2"

Documentário explora a vida, a carreira e o legado do comediante e diretor Mel Brooks, desde os primeiros esquetes na TV até seus sucessos no cinema e teatro. A estreia é no dia 22.

HBO Max

"Bailarina"

Derivado do universo "John Wick", o filme narra a vida de Eve Macarro (Ana de Armas), bailarina cuja vida muda quando seu pai é morto. Ela é treinada como assassina pela organização

Ruska Roma para buscar vingança. A estreia é dia 23. Com cenas de Keanu Reeves.

Prime Video

"Skyscraper Live"

Evento ao vivo, no dia 23, em que o norte-americano Alex Honnold, conhecido por suas escaladas sem cordas, tentará subir a parte externa do edifício Taipei 101, um dos mais altos do mundo (tem 101 andares). No Brasil, o horário da live será às 22h.

Netflix

"Magnum"

Série da Marvel, com estreia no dia 27, sobre Simon Williams (Yahya Abdul-Mateen II), aspirante a ator cuja carreira cruza com a do excêntrico Trevor Slattery (Ben Kingsley) enquanto tenta um papel num remake do filme de super-herói "Magnum".

Disney+

MARVEL TELEVISION

Adeus ao último imperador

Valentino Garavani, o estilista que criou um tom próprio e vestiu musas do cinema e da alta sociedade, morre aos 93 anos. Ícone da elegância, ele tinha se retirado do dia a dia de sua maison em 2008

O mundo da moda e da alta costura perdeu na segunda-feira, 19, aquele que foi o seu ícone mais longo. O italiano Valentino Garavani, conhecido mundialmente apenas pelo primeiro nome, faleceu aos 93 anos em sua residência em Roma, a cidade que ele escolheu como palco para construir um império de beleza e sofisticação. A notícia foi dada pela Fundação Valentino Garavani e por Giancarlo Giammetti, seu parceiro de vida e de negócios por mais de meio século, informando que o estilista partiu cercado por entes queridos.

Apelidado de “o último imperador” – a partir de um documentário sobre sua vida e obra –, Valentino desenhava roupas para realçar a beleza de mulheres e homens (ele destacava essa palavra), elevou o selo “Made in Italy” ao auge do luxo global e personificou a “dolce vita”, sempre com elegância. Um dos hábitos em sua maison consistia em manter o ar-condicionado em plena potência no verão para que os funcionários pudessem usar ternos.

Nascido em 1932 na província de Voghera, o jovem Valentino viajou para Paris aos 17 anos, financiado pelo pai, para estudar na Escola de Belas-Artes e entrar na Câmara Sindical da Costura. Na capital francesa, trabalhou com estilistas como Jean Dessès e Guy Laroche e refinou sua sensibilidade estética. Retornou à Itália em 1959 para abrir seu estúdio na Via Condotti, na “cidade eterna”. Valentino transformou Roma em uma sucursal do glamour de Hollywood.

A consagração veio em tonalidade vibrante. Em 1962, em Florença, ele



Valentino marcou seu nome em vermelho e conquistou estrelas globais como Audrey Hepburn, Sophia Loren, Jackie Kennedy e Julia Roberts

apresentou ao mundo o que se tornaria sua assinatura mais indelével: o “Vermelho Valentino”. O tom imperial, apaixonado e dramático tornou-se sinônimo da marca.

O estilista provou sua versatilidade com outra cor anos depois. Em 1968, lançou a histórica “White Collection” (Coleção Branca). Foi dessa coleção que Jackie Kennedy escolheu o vestido para seu segundo casamento, com o magnata grego Aristóteles Onassis. A imagem correu o mundo e Valentino se consolidou entre estrelas globais, vestindo musas como Audrey Hepburn, Sophia Loren, Elizabeth Taylor e Julia Roberts.

Também em 1968, Valentino abriu uma boutique em Paris – seu primeiro grande desfile com uma coleção prêt-à-

-porter ocorreu sete anos depois. Em 1970, tornou-se o primeiro estilista italiano a inaugurar uma loja em Nova York. Em 1974, foi a vez de Londres e, em 1976, Tóquio. Em 1978, veio o primeiro perfume com seu nome. Em 2012, a marca foi vendida à empresa catariana Mayhoola for Investments, com o grupo Kering adquirindo, em 2023, uma participação de 30% no negócio por 1,7 bilhão de euros.

Valentino se destacava no universo da moda ao lado de nomes como Giorgio Armani e Karl Lagerfeld, todos símbolos máximos de um setor que se transformou em uma indústria global e altamente comercial. Lagerfeld morreu em 2019 e Armani, em setembro do ano passado.

Além do estilo nas passarelas e coleções, Valentino era conhecido pelo bronzado constante e vida luxuosa. Ele transitava entre um palacete em Roma, um castelo perto de Paris, um apartamento em Nova York e um chalé em Gstaad, na Suíça. Nessas residências, repletas de obras de arte, ele promovia festas lendárias, acompanhado de sua família canina. Ele costumava viajar com cães da raça pug em jatos privados.

Sua rotina de luxo foi capturada no documentário “Valentino: O Último Imperador” (2009). O filme acompanhou os dois anos que antecederam sua aposentadoria, oficializada em janeiro de 2008 (o anúncio foi em setembro de 2007). Em uma das cenas do documentário, Valentino resume sua filosofia: “Eu sei o que as mulheres querem; elas querem ser bonitas”. Em uma publicação na mídia social, a grife ressaltou que a vida de Valentino “foi um farol na busca constante pela beleza”. **E**

REPRODUÇÃO INSTAGRAM

Uma trajetória na vida pública

De vereador a ministro, Raul Jungmann atuou por mais de cinco décadas na política; no governo Fernando Henrique Cardoso, liderou a pasta da Reforma Agrária; faleceu aos 73 anos

Com uma trajetória longa na política, o pernambucano Raul Jungmann morreu, aos 73 anos, no domingo, 18, em decorrência de um câncer no pâncreas. As informações foram publicadas pelo Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram), do qual ele era presidente desde 2022. Ele estava internado no hospital DF Star, em Brasília. Foram mais de cinco décadas na vida pública, marcada pela passagem por três ministérios e três mandatos na Câmara dos Deputados.

Nascido em Recife em 1952, Jungmann teve cargos em administrações municipais, estaduais e federais. Durante a ditadura militar, foi militante no Partido Comunista Brasileiro (PCB), ainda na clandestinidade. Nos anos 1970, filiou-se ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB), partido de oposição ao regime militar, e, na década seguinte, participou do movimento Diretas Já. Passou por outras legendas ao longo de sua vida.

Jungmann foi ministro em três oportunidades, primeiro durante o governo de Fernando Henrique Cardoso (PSDB) e depois no governo de Michel Temer (MDB): Reforma Agrária (1999-2002), Defesa (2016-2018) e Segurança Pública (2018).

Ocupou mandato como deputado federal em 2003-2006 (PMDB), 2007-2010 (PPS) e 2015-2018 (PPS). Também presidiu o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e integrou diversos conselhos de administração. No Ibram, organização privada e sem fins lucrativos, atuou junto a mais de 300 associados, responsáveis por 85% da produção mineral do Brasil.



Como ministro da Segurança Pública, em 2018, Jungmann criou um sistema para aprimorar a troca de informações entre as polícias estaduais

Em nota, o Ibram destacou que, sob sua gestão, a entidade “fortaleceu seu protagonismo institucional e seu compromisso com a legalidade, a sustentabilidade, a inovação e o papel estratégico dos minerais na transição energética global. Jungmann será lembrado por sua competência, visão estratégica, capacidade de articulação e pelo legado de diálogo e ética que deixa não apenas na mineração, mas em toda a vida pública brasileira”.

Entre as ações tomadas quando esteve à frente do Ministério da Segurança Pública, uma das mais relevantes foi a criação do Sistema Único de Segurança Pública (Susp) – que a proposta de emenda à Constituição (PEC) da Segurança Pública elaborada pelo governo

Lula tenta hoje incluir na Constituição Federal. O Susp prevê que as polícias devem aprimorar o sistema de troca de informações entre os estados e agir de forma conjunta no combate ao crime.

A criação do sistema também estabeleceu que o cumprimento das metas estabelecidas pelo governo passasse a contar com recursos do Fundo Nacional de Segurança Pública (FNSP) e do Fundo Penitenciário Nacional (Funpen), além de fundos estaduais, distrital e municipais. A medida representou um ponto da virada na influência federal na área da segurança pública – cuja prerrogativa é dos governos estaduais, segundo a Constituição.

Em junho, em um seminário em São Paulo, Jungmann discursou sobre a fragilidade institucional da segurança pública no Brasil. “A segurança pública não é estruturada em sistema. É o mais frágil comando constitucional.

Como é possível confrontar o crime organizado, transnacionalizado, se nós não temos integração de inteligência, se nós não temos integração de coordenação de operações?”, questionou.

À Rádio Eldorado, em entrevista recente, Jungmann abordou interesse dos Estados Unidos nos chamados minerais críticos e estratégicos (MCEs) existentes no território brasileiro. O ex-ministro disse que a legislação brasileira não permite a exploração direta dos recursos minerais brasileiros por um país estrangeiro. A negociação, se ocorrer, deve ser feita entre os dois governos, cabendo ao setor privado dialogar apenas com as empresas estrangeiras “que se submetam às regras brasileiras”, declarou. **E**

REPRODUÇÃO INSTAGRAM

Amores e amores

Entrevista do ator Daniel de Oliveira sobre a boa relação que tem com as ex-esposas Sophie Charlotte e Vanessa Giacomini foi campeã de views. Repercutiu também a reação de Eduardo Leite às vaias que recebeu em evento.

Relação civilizada

Destaque de “Coração Acelerado”, nova novela das 19h da TV Globo, Daniel de Oliveira falou com IstoÉ sobre sua relação com as ex-esposas, Sophie Charlotte e Vanessa Giacomini. No vídeo, o ator conta que se dá bem com as atrizes e que pedirá permissão para a protagonista de “Três Graças” (Sophie) para levar o caçula, Otto, para uma temporada em Portugal, junto com os outros dois herdeiros, Raul e Moisés.



O capítulo especial de Lauana Prado

A cantora Lauana Prado, de 36 anos, revelou que está grávida. O anúncio foi feito durante show na noite do domingo, 18, no Rio de Janeiro. A novidade foi informada cerca de uma semana depois do término da relação da artista com a influenciadora Tati Dias.



Desafio para a direita

Desde o anúncio de que foi escolhido pelo pai, Jair Bolsonaro, para concorrer à presidência, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) tem visto sua pré-candidatura ser colocada à prova. Mas uma pesquisa Genial/Quaest apontou uma oscilação positiva nas intenções de voto do “filho 01”. O levantamento indica que Lula (PT) garante a reeleição contra diferentes adversários, e aponta Flávio como o candidato mais sólido da oposição: 54% dos entrevistados acreditam que o congressista manterá a candidatura até o fim.



“Este é o amor que venceu o medo?”

O governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite (PSD), foi vaiado na terça-feira, 20, durante um evento que reuniu apoiadores do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). As manifestações ocorreram ao longo de cerimônia do governo federal destinada à assinatura de um contrato da Petrobras para a construção de navios. Diante das vaias, Leite reagiu de forma irônica. “Este é o amor que venceu o medo? Acho que não, não é? Então, vamos respeitar, por favor”, afirmou o governador.



Caminhada de MG ao DF

O deputado federal Nikolas Ferreira (PL) divulgou na segunda-feira, 19, uma caminhada de Minas Gerais até Brasília como um pedido por “justiça e liberdade”. Em vídeos veiculados no Instagram, ele aparece andando na rodovia BR-040 e diz que deve chegar à capital no domingo, 25.



www.istoe.com.br

TikTok: www.tiktok.com/@revistaistoe

Instagram: www.instagram.com/revistaistoe/

LinkedIn: www.linkedin.com/company/istoe

YouTube: youtube.com/@revistaISTOE

X: x.com/istoe

Facebook: www.facebook.com/istoedinheiro

Palavra por palavra



RICARDO STUCKERT/FPF

"Não estamos fazendo um ato em apologia ao valor do salário mínimo, porque o valor do salário mínimo é muito baixo no Brasil. Estamos fazendo apologia à ideia de um presidente da República que, em 1936, criou a possibilidade de se estabelecer um salário que garantisse aos trabalhadores direitos elementares"

Luiz Inácio Lula da Silva, presidente do Brasil, em evento sobre os 90 anos da instituição do salário mínimo, no governo de Getúlio Vargas. O valor estabelecido para este ano é R\$ 1.621



REPRODUÇÃO LINKEDIN

"Você começa a ver algumas das tarifas se infiltrando em alguns dos preços e dos itens, e você vê que alguns vendedores estão decidindo repassar esses custos mais altos aos consumidores na forma de preços mais altos"

Andy Jassy, CEO da Amazon, em entrevista a CNBC sobre efeitos das tarifas aplicadas externamente pelo governo Donald Trump

ines249

"Assinei um contrato de três meses. E fiquei. Fiquei porque o 'SuperPop' me acolheu. Porque a RedeTV acreditou em mim, me deu espaço, liberdade e voz. Esse programa cresceu comigo e eu cresci com ele"

Luciana Gimenez, apresentadora, comentando sua saída da emissora, anunciada no dia 16, após 25 anos na casa



REPRODUÇÃO INSTAGRAM



JEENAH MOON

"Fui rever 'O Agente Secreto' com meu filho Zeca. Ele estava vendo pela primeira vez e adorou o filme. Fiquei feliz. Wagner Moura é divino e o filme, bem maluco e bem cinema, é super Kleber. Um orgulho redobrado para baianos Wagner ter ganho o Globo de Ouro de melhor ator. Um orgulho para o Brasil 'O Agente Secreto' ganhar o de Melhor Filme de Língua-Não Inglesa"

Caetano Veloso, artista, em post na mídia social após sessão no cinema Glauber Rocha, em Salvador

"Hoje, TV é praticamente tudo. O Oscar e a NFL estão no YouTube. Emissoras exibem o Super Bowl na TV linear e no streaming. Amazon é dona da MGM, Apple disputa Emmys e Oscars. Competimos pela atenção das pessoas em um conjunto ainda maior de opções, que inclui streaming, TV aberta, a cabo, games, redes e plataformas de vídeo das big techs. Nosso acordo fortalece o mercado e garante uma concorrência saudável, que beneficiará os consumidores e criará empregos"

Ted Sarandos, co-CEO da Netflix, sobre o acordo para compra da Warner, informando que manterá a janela de exibição de filmes nos cinemas em 45 dias antes de irem para o streaming



REPRODUÇÃO INSTAGRAM

Paixão sobre rodas.

A front-facing view of a car, mostly in silhouette against a dark background. The car's headlights and front grille area are highlighted with a bright blue glow, creating a futuristic or high-tech aesthetic.

MOTOR SHOW

www.motorshow.com.br

